

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA**

**RICARDO CRISTIANO STRASSBURGER**

**REDUÇÕES JESUÍTICAS DO VALE DO RIO PARDO: AS RUPTURAS NA  
SOCIEDADE INDÍGENA EM UM CONTEXTO DE EXPANSÃO DAS FRONTEIRAS**

**São Borja - RS  
2025**

**RICARDO CRISTIANO STRASSBURGER**

**REDUÇÕES JESUÍTICAS DO VALE DO RIO PARDO: AS RUPTURAS NA  
SOCIEDADE INDÍGENA EM UM CONTEXTO DE EXPANSÃO DAS FRONTEIRAS**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Licenciatura em  
História da Universidade Federal do  
Pampa, como requisito parcial para  
obtenção do Título de Licenciado em  
História

Orientador: Prof. Dr. Jeremyas Machado  
Silva

**São Borja - RS  
2025**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).

S894r Strassburger, Ricardo Cristiano

Reduções jesuíticas do Vale do Rio Pardo: as rupturas na sociedade indígena em um contexto de expansão das fronteiras / Ricardo Cristiano Strassburger.  
63 p.

Trabalho de conclusão de Curso (Graduação) - - Universidade Federal do Pampa, HISTÓRIA, 2025.  
"Orientação: Jeremyas Machado Silva".

1. Reduções jesuíticas. 2. Fronteiras. 3. Caciques. 4. Pajés. 5. Jesuítas. I. Título.


**RICARDO CRISTIANO STRASSBURGER**

**REDUÇÕES JESUÍTICAS DO VALE DO RIO PARDO: AS RUPTURAS NA  
SOCIEDADE INDÍGENA EM UM CONTEXTO DE EXPANSÃO DAS FRONTEIRAS**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Licenciatura em  
História da Universidade Federal do  
Pampa, como requisito parcial para  
obtenção do Título de Licenciado em  
História


Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 19 de julho de 2025

Banca examinadora:

Documento assinado digitalmente  
 JEREMYAS MACHADO SILVA  
Data: 31/07/2025 11:36:46-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>


---

Prof. Dr. Jeremyas Machado Silva  
Orientador  
Universidade Federal do Pampa

Documento assinado digitalmente  
 CAMILA DE ALMEIDA SILVA  
Data: 08/08/2025 09:45:08-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Camila de Almeida Silva  
Universidade Federal do Pampa

Documento assinado digitalmente  
 LARISSA NUNES CAVALHEIRO  
Data: 14/08/2025 11:57:43-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Larissa Nunes Cavalheiro  
Universidade Federal do Pampa

Dedico este trabalho minha esposa Suzi e também a minha filha Isabéli, por toda a paciência nos momentos de dedicação aos estudos.

## **AGRADECIMENTO**

Ao Prof. Dr. Jeremyas Machado Silva, por todo o auxílio e aprendizagem proporcionada durante a elaboração deste trabalho.

Aos professores do Curso de História da UNIPAMPA, fundamentais nesta caminhada em busca de conhecimento.

A todos os colegas de curso, em especial as colegas Andréia, Cheila, Claudete, Ivone e Marion, fontes de apoio durante as dificuldades surgidas.

Aos professores orientadores dos Estágios realizados ao longo do Curso, bem como às Escolas que me acolheram para suas realizações.

Em especial a minha família, que durante todas as lutas esteve presente, servindo de alicerce para esta caminhada.

“A história é absolutamente fundamental para um povo. Quem não sabe de onde vem, não sabe para onde vai.”.

Dom Bertrand de Orleans e Bragança

## RESUMO

As Reduções Jesuíticas implantadas no Tape, no século XVII, por missionários da Companhia de Jesus inserem-se no contexto de expansão de fronteiras realizado pela Coroa Espanhola. Essa região, atualmente pertencente ao estado do Rio Grande do Sul, foi palco da implantação de 18 Reduções, estabelecidas a partir do oeste do território e avançando até a margem do Rio Pardo. Nessa área final foram fundados os povoados de São Joaquim, Jesus-Maria e São Cristovão. Tal rio serviu como fronteira geográfica e cultural neste processo de expansão, sendo local de trocas entre diferentes atores sociais, como Caciques, Pajés, Jesuítas e Mus. O presente estudo analisa possíveis transformações sociais vividas na sociedade indígena da época, no âmbito de disputas por poder entre Caciques e Pajés, e os impactos causados por estas disputas no âmbito da expansão do projeto jesuítico. Como metodologia de pesquisa foi utilizada a análise bibliográfica utilizando-se de obras referentes a etnografia, cultura e os principais aspectos do processo de formação das Reduções Jesuíticas, especialmente do Tape. Tal análise buscará, sempre que possível utilizar das fontes primárias do recorte temporal (século XVII) e territorial (Vale do Rio Pardo/RS), fontes presentes nas obras de Cortesão (1969) e Porto (1943). A partir destas análises foi possível concluir que as disputas internas na sociedade indígena envolvendo Caciques e Pajés colaborou na implantação das Reduções na região, bem como foi utilizado pelo Jesuíta na forma de apropriação cultural, para consolidar seu processo de controle social no ambiente reducional.

Palavras-Chave: Caciques, Fronteiras, Jesuítas, Mus, Pajés, Reduções Jesuíticas.

## **ABSTRACT**

The Jesuit reductions implemented in Tape in the seventeenth century by missionaries of the Jesus Company are inserted in the context of border expansion by the Spanish Crown. This region, currently belonging to the state of Rio Grande do Sul, was the scene of the implementation of 18 reductions, established from the west of the territory and advanced to the bank of the Pardo River. In this final area were founded the villages of St. Joaquim, Jesus-Maria and St. Cristovão. This river served as a geographical and cultural frontier in this process of expansion, being a place of exchanges between different social actors, such as chiefs, shamans, Jesuits and mus. The present study analyzes possible social transformations lived in the indigenous society of the time, in the context of power between chiefs and shamans, and the impacts caused by these disputes in the scope of the expansion of the Jesuit project. As a research methodology was used the bibliographic analysis using works related to ethnography, culture and the main aspects of the process of formation of Jesuit reductions, especially TAPE. Such analysis will seek, whenever possible use of the primary sources of the temporal (17th century) and territorial (Valley of Rio Pardo/RS), sources present in the works of Cortesão (1969) and Porto (1943). From these analyzes it was possible to conclude that internal disputes in indigenous society involving chiefs and shamans collaborated in the implementation of reductions in the region, as well as used by the Jesuit in the form of cultural appropriation, to consolidate its social control process in the reductional environment.

**Keywords:** Chiefs, Borders, Jesuits, Mus, Shamans, Jesuit Reductions.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa das Províncias Jesuíticas.....	22
Figura 2 – Mapa das Reduções Jesuíticas do Tape.....	23
Figura 3 – Detalhe das Reduções Jesuíticas do Vale do Rio Pardo/RS.....	25
Figura 4 – Cunhas de ferro encontradas em escavação ao sítio arqueológico da Redução de Jesus-Maria.....	27
Figura 5 – Imagem dos resquícios da paliçada encontrada no Sítio arqueológico da Redução Jesus-Maria por Ribeiro (1976).....	28
Figura 6 – Mapa missioneiro contendo gravura do Ibiticaraí.....	29

## LISTA DE ABREVIATURAS

2 a – segunda  
ampl. - ampliada  
cap. – capítulo  
Cap.an – Capitão  
col. – colaborador  
coord. – coordenador  
Ed. – Edição  
f. – folha  
H.º – Irmão  
J.º – João  
M.a – Maria  
n. – número  
org. – organizador  
p. – página  
P. es - Padres  
p.a q – porque  
P.e/P. – Padre  
Q.dº – quando  
Red.on – Redução  
RS – Rio Grande do Sul  
S. – São ou Santa  
S.or – Senhor  
S.os – Santos  
S.ta – Santa  
S.to/S.tº – Santo  
th – indica numeral ordinal, língua inglesa  
v. – volume  
v. R – Vossa Reverência  
ver. – revisada  
Xpval - Cristovão

## **LISTA DE SIGLAS**

ANPUH - Associação Nacional de História  
CCSH - Centro de Ciências Sociais e Humanas  
CEPA – Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas  
CIHIS - Congresso Internacional De História  
HTTPS - HyperText Transfer Protocol Secured  
IBRAM – Instituto Brasileiro de Museus  
PCHs – Pequenas centrais hidroelétricas  
PPGH – Programa de Pós-graduação em História  
UFFS - Universidade Federal da Fronteira Sul  
UFGD - Universidade Federal da Grande Dourados  
UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
UFMS – Universidade Federal de Santa Maria  
UnB - Universidade de Brasília

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>2</b>	<b>CONCEITOS GERAIS E REVISÃO DE LITERATURA.....</b>	<b>18</b>
<b>2.1</b>	<b>A província Jesuítica do Tape e seus povos.....</b>	<b>19</b>
<b>2.2</b>	<b>As Reduções Jesuíticas do Vale do Rio Pardo: localização e principais aspectos.....</b>	<b>24</b>
<b>2.3</b>	<b>Rio Grande do Sul no século XVII: fronteira em construção.....</b>	<b>32</b>
<b>2.4</b>	<b>Caciques, Pajés, Jesuítas e Mus: atores de uma construção social.....</b>	<b>35</b>
<b>2.5</b>	<b>Sociedades Indígenas: um processo de ruptura em andamento.....</b>	<b>40</b>
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>50</b>
<b>4</b>	<b>APRESENTAÇÃO DA PESQUISA E ANÁLISE DOS RESULTADOS.....</b>	<b>51</b>
<b>4.1</b>	<b>Território do Tape e constituição das Reduções do Vale do Rio Pardo.....</b>	<b>51</b>
<b>4.2</b>	<b>Vale do Rio Pardo e seu papel no contexto da fronteira do século XVII.....</b>	<b>53</b>
<b>4.3</b>	<b>Atores sob a ótica de mudanças na sociedade do Tape no século XVII.....</b>	<b>54</b>
<b>4.4</b>	<b>Rupturas na sociedade indígena: causas e impactos.....</b>	<b>55</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>58</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>60</b>
	<b>ANEXOS.....</b>	<b>66</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Por muito tempo os povos indígenas foram considerados pela historiografia sujeitos sem história, incapazes de serem considerados personagens ativos na construção de sua sociedade e, mais do que isto, elementos de suma importância para a construção da História brasileira e, principalmente no que tange a construção da fronteira colonial. Heinsfeld (2015, p. 26) apresenta que:

Para os historiadores, normalmente as fronteiras são entendidas no seu sentido tradicional de fronteiras políticas, bem como no sentido de locus do encontro de culturas diferentes.

Já para Zarth (2016, p. 15) “É fundamental pensar a história da Fronteira Sul como um território de múltiplas dimensões socioculturais, onde convivem historicamente grupos sociais com interesses conflitantes.”.

Essa abordagem em relação aos originários habitantes das Américas fez com que sua história fosse por muito tempo contada sob a visão europeia, que na maioria das vezes não entendia a lógica social e cultural destes povos, legando apenas os aspectos que considerava convenientes sob este olhar, principalmente quando vivenciada a construção da fronteira colonial, em específico das Reduções Jesuíticas, definidas por Gutierrez (1987, p. 8), como “núcleos urbanos onde se reduziam os indígenas de parcialidades afins que viviam dispersos em áreas rurais”. Segundo o autor: “(...) sua finalidade essencial estava em assegurar a concentração de maneira a possibilitar uma aprendizagem eficaz da doutrina e um rigoroso controle tributário”.

Ultimamente, diversos trabalhos historiográficos buscam realizar o resgate da História destes povos, utilizando-se de uma nova análise e abordagens interligadas com outras ciências, como a arqueologia e etnografia, de forma a compreender os acontecimentos que estas sociedades vivenciaram sob a sua própria ótica, levando em conta os seus juízos de valores. Citamos Hélène Clastres “Terra sem Mal: O profetismo tupi-guarani” (1978), Manuela Carneiro da Cunha “História dos Índios do Brasil” (1995), John Manuel Monteiro “Os Guarani e a história do Brasil Meridional Séculos XVI-XVII” (1995) e Eduardo Viveiro de Castro “Xamanismo e sacrifício” in: “A Inconstância da Alma Selvagem: e outros ensaios de antropologia” (2002b).

Também foram muitas as releituras de obras da historiografia tradicional que foram realizados por estudiosos ensejando elucidar aspectos da sociedade indígena,

primando por novas abordagens de assuntos já abordados por autores do passado. Nesta linha trabalham estudiosos como Anzolin (2023), Cristo (2017), Cavalcante (2009), Silva (2011) e Fontella (2017).

O presente estudo buscou por meio de fontes da historiografia tradicional, em especial as obras de Jaime Cortesão “Jesuítas e bandeirantes no Tape:(1615-1641). Manuscritos da coleção de Angelis” (1969), que traz a transcrição de correspondências escritas pelos Jesuítas, reunida pelo militar, professor de história e diplomata Pedro De Angelis durante sua estada na capital portenha, no período de 1820 até 1852 e posteriormente negociada com a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e Afonso Aurelio Porto “História das Missões Orientais do Uruguai” (1943), que realiza a análise da documentação referente as Reduções instaladas no Tape, analisar as perspectivas culturais e sociais dos Guaranis no contexto da implantação das Reduções Jesuíticas do Tape.

Por tratar-se de uma análise bibliográfica, o uso destas fontes como base para análise baseia-se no fato de as correspondências do Jesuítas tratarem-se das únicas fontes primárias do período encontradas até o momento, quando se considera o território do estudo. Embora existam documentação de origem Bandeirante (portuguesa) que abordam o território do estudo, as mesmas apresentam caráter demasiadamente pessoal (testamento) para possibilitar uma abordagem mais ampla, que é o que se pretende com o estudo.

Embora outros autores, em especial Cristo (2017), já tenham realizado importantes análises sobre o território que abrange também o Vale do Rio Pardo/RS, na perspectiva do protagonismo indígena exercido pelas lideranças políticas e religiosas no contexto do contato com os Jesuítas, o presente justifica-se, pois realiza abordagem diferenciada no que tange as transformações internas da sociedade Guarani que impactaram na implantação do projeto colonialista por parte dos Jesuítas. Muito mais do que reações criadas pela colonização, tais processos já se encontravam presentes na sociedade indígena antes da chegada dos europeus, sendo somente explorados pelo colonizador durante a implantação do seu Projeto.

O recorte temporal do presente estudo compreende século XVII, em sua primeira metade, período no qual ocorreram as implantações das Reduções Jesuíticas no território do Tape, atual estado do Rio Grande do Sul. Embora o recorte territorial se refira a Província Jesuítica do Tape, será abordado de maneira mais aprofundada a região do Vale do Rio Pardo/RS e arredores, local onde foram

fundadas as Reduções de São Joaquim, Jesus-Maria e São Cristovão. Neste sentido será dada especial atenção as correspondências jesuíticas que tratam desta região específica.

A problemática de pesquisa abordada no trabalho refere-se às transformações sociais e culturais existentes na sociedade indígena da região do Vale do Rio Pardo no século XVII, que serviram como elementos de facilidade ou dificuldade na implantação do projeto colonizador jesuítico baseado na instalação de povoados denominados Reduções. As Reduções eram povoados que retiravam populações indígenas de uma realidade agrícola primitiva para inseri-la no contexto social e de produção europeu da época.

A hipótese levantada no presente trabalho é de que as sociedades indígenas da época, em especial a Guarani, já vivia um processo de ruptura entre suas lideranças políticas, Caciques, e suas lideranças espirituais, denominados Pajés, ocasionado pelo contexto do profetismo baseado no mito indígena da Terra Sem Males (Yvy marãe'ỹ, em guarani).

Diante de tal hipótese o estudo terá como objetivo analisar as possíveis transformações sociais internas dos Guaranis, no século XVII, em curso quando da chegada dos Jesuítas, e seu papel no contexto da expansão das fronteiras. Os objetivos específicos buscam:

- a) Esclarecer o papel desempenhado pelos indígenas como facilitador/dificultador no processo de expansão das fronteiras;
- b) Descrever os principais atores sociais envolvidos nestes processos, no Vale do Rio Pardo/RS do século XVII;
- c) Apresentar eventuais episódios cujas ações destes atores representaram seu papel ativo no processo de expansão e criação de fronteiras.

O presente estudo se justifica pelo fato de trazer uma nova abordagem retratando a participação dos indígenas enquanto figuras centrais de seus próprios destinos, bem como pelo fato de trazer esta participação para um contexto de formação de fronteira ainda não analisado sob este viés.

Partindo da análise do contexto de expansão de fronteiras na região platina da América do Sul, como um projeto político de conquista territorial firmado no Princípio do *Uti possidetis*, projeto este que auxiliado pelos Jesuítas da Companhia de Jesus levou a fundação de diversas províncias Jesuíticas na região. Dentre estas,

aprofunda-se a análise da Província Jesuítica do Tape, onde é relatada sua formação, bem como o componente populacional da mesma.

A seguir são analisadas de forma específica as Reduções do Vale do Rio Pardo/RS, citando a localização geográfica de tal território, a descrição de suas populações primitivas e posterior inclusão de tal território e população no contexto colonial do século XVII, com as fundações das Reduções Jesuíticas, apresentando relatos referentes às suas fundações, localizações, evoluções, contexto social e destruição por parte dos Bandeirantes Paulistas.

Prosseguindo, tais Reduções são contextualizadas quanto às fronteiras em seu processo de expansão, caracterizando-as como fronteiras geográficas e culturais, embasadas em elementos constituintes de tais povoados e populações.

Após tais contextualizações, são apresentados os sujeitos sociais de tal região, sendo estes, Caciques, Pajés, Jesuítas e Mus, apresentados no contexto de estrutura social de poder, enquanto lideranças, além dos aspectos relacionados à seu papel dentro das sociedades locais.

Caracterizados os sujeitos sociais, chega o momento de apresentar os processos de ruptura em andamento na sociedade indígena, baseados em uma dinâmica social ampla, envolvendo disputas e influências sociais com foco em dominação, dos quais o colonizador europeu soube apropriar-se conforme sua conveniência.

Com base no referencial bibliográfico, são apresentadas as metodologias de análise dos mesmos, buscando-se a elucidação dos objetivos e validação da hipótese proposta.

A análise dos resultados busca abordar o território do Tape e a fundação das Reduções do Vale do Rio Pardo, situando as populações envolvidas como parte de um sistema colonial onde encontravam-se inseridas entre fronteiras em expansão dos Impérios Português e Espanhol, porém com o sujeito indígena dotado de vontade própria, sendo capaz de escolher os aspectos relacionais que melhor lhe convinham.

O Vale do Rio Pardo apresenta-se enquanto fronteira, tanto na sua abordagem geográfica/física, quanto cultural, fronteira esta que é porosa, sendo local de diversas trocas e construções sociais.

Na análise realizada quanto aos atores presentes na sociedade do Vale do Rio Pardo/RS no século XVII, é descortinado o cenário envolto de transformações

sociais, internas e externas, capazes de gerar cenários de rupturas e continuidades destes elementos, cenários estes que foram utilizados pelos Jesuítas em seu papel de colonizador e figura de poder.

Tal processo de ruptura é analisado em um contexto de transformações relacionadas ao fenômeno do profetismo Guarani, que gera transformações nas linhas de poder da sociedade indígena, levando à sua reorganização por parte dos agentes envolvidos neste processo social.

## 2 CONCEITOS GERAIS E REVISÃO DE LITERATURA

As Reduções Jesuíticas instaladas no Vale do Rio Pardo (Yequi ou Yoby na língua indígena) na primeira metade do século XVII fizeram parte do Projeto Jesuítico de catequese de povos indígenas, apoiada pela Coroa Espanhola, em seu processo de expansão das fronteiras no sul da América do Sul. Fernandes (1985, p. 84-85), afirma que:

As fronteiras resultam de relações verticais entre os que dominam o território e os que são dominados, sendo que estes últimos nunca são totalmente passivos nessa relação [...] a concepção de fronteira implica em ideia de possibilidade, pois, oscilante, ela se modifica constantemente através dos movimentos de avanço e recuo dos grupos e sujeitos sociais que a compartilham.

Braudel (1989), refletindo sobre a questão da ocupação do espaço e a relação Estado e território, afirma que os Estados agem como indivíduos, delimitando seu domicílio, defendendo aquilo que consideram o seu território.

Já Golin (2015, p. 76) afirma que “As reduções de fronteira foram os mais eficientes instrumentos de contenção do avanço português. Quanto às Reduções, Montoya (1985, p. 29) define “Chamamos reducciones a los pueblos de los indios, que viviendo a su antigua usanza [...] los redujo la diligencia de los padres a poblaciones grandes e a vida política y humana.”.

Como parte integrante deste processo de construção das fronteiras coloniais, apresentam-se dois agentes sociais fundamentais: Religiosos pertencentes a Companhia de Jesus denominados Padres Jesuítas e Indígenas da Etnia Guarani, para fins desta análise, divididos entre Caciques, Xamãs/Pajés e Mus.

A região do estudo atualmente localiza-se no Estado do Rio Grande do Sul, Estado da Federação brasileira. Mas quando se regrida à época de análise do presente trabalho (Século XVII), tal região, por força do Tratado de Tordesilhas pertencia à Coroa Espanhola, visto que segundo Brandão (2017) o referido Tratado delimitava uma linha imaginária, que tinha seu final na Cidade de Laguna, atualmente localizada no Estado de Santa Catarina, Brasil. Assim, pelo fato de o território Rio-grandense situar-se a oeste desta linha imaginária, passava a ser possessão espanhola, enquanto os territórios a leste ficariam sob possessão portuguesa.

Ao trazer a referida região para um contexto de fronteira torna-se necessária uma análise dos mecanismos de conquista de territórios então vigentes, especificamente o princípio *Uti possidetis*: tal mecanismo originário do direito romano apresentava a tese de que determinado território passaria à posse de quem o povoasse. Partindo deste princípio, portugueses passaram a realizar incursões aos territórios localizados ao oeste da linha imaginária do Tratado de Tordesilhas. Tais avanços, segundo Taunay (1927), buscavam, além da conquista de novos territórios, o apresamento de indígenas com a finalidade de fornecimento de mão-de-obra para povoados portugueses, principalmente São Paulo de Piratininga. Neste sentido apresentam-se a figura dos *Mus*, Indígenas que praticavam a guerra para aprisionar indígenas de nações inimigas, ou algumas vezes amigas, com o objetivo de efetuar trocas com os portugueses, conforme relatado pelos registros dos Padres Jesuítas presentes em Cortesão (1969).

Segundo De Moura (2011), temendo a expansão dos portugueses sobre o território espanhol, os Jesuítas receberam apoio para expandirem a Província Jesuítica do Paraguai para a margem leste do Rio Uruguai, onde fundaram a Província Jesuítica do Tape, composta por dezoito Reduções Jesuíticas, das quais três localizavam-se, segundo relatos dos Jesuítas, no Vale do Rio Pardo: São Joaquim, Jesus-Maria e São Cristovão.

Ao analisar-se tal movimento no âmbito de demarcação das fronteiras físicas, percebe-se que o Rio Pardo serviu como fronteira espacial entre espanhóis e portugueses. Mas não se pode minimizar também o seu papel enquanto fronteira cultural, visto que a aceitação do modo de vida proposto pelos Padres Jesuítas, implicava em abandonar o modo de vida primitivo dos guaranis, que se deslocavam muitas vezes para a margem leste deste Rio, conforme verificam-se nos episódios do martírio do Padre Jesuíta Cristovão de Mendoza e na posterior Junta dos Feiticeiros, formada por pajés com intuito de expulsar os Jesuítas das Reduções desta região, citados por Cortesão (1969) e Porto (1943).

## **2.1 A província Jesuítica do Tape e seus povos**

Quando se regrido ao passado da região platina, há de se realizar diversas considerações importantes e sobretudo pertinentes: tal região fazia parte de um espaço territorial já descoberto no início do século XVI, porém ainda sem apresentar

riquezas agrícolas ou minerais que pudessem despertar o desejo das potências dominantes da época (Portugal e Espanha) de realizarem a colonização desta região.

Neste período, Portugal e Espanha viviam um processo de disputa por territórios, que culminaram na assinatura de Tratados Diplomáticos conforme apresentado por Courlet (2005, p. 3):

O primeiro desses tratados, que teve consequência sobre a ocupação do Prata, foi o de Tordesilhas, assinado em 1494, que dividia o 'Novo Mundo' em dois hemisférios: aos Portugueses, coube uma boa parte das terras brasileiras e aos Espanhóis, a região platina assim como o território que corresponde atualmente ao Rio Grande do Sul.

Porém, tal situação muda com a descoberta da prata em Potosí, na Bolívia, quando a importância estratégica da região passa a ser reconhecida, servindo seus rios como rota de escoamento desta riqueza recém descoberta. Assim, funda-se Buenos Aires em 1536, na foz do Rio da Prata e logo em seguida, Assunção, em 1537, às margens do Rio Paraguai. Tais cidades serviriam para o controle da rota de escoamento da prata de Potosí. Neste contexto de conquista territorial, após pedido de governador Hernando Arias Saavedra ao Rei Felipe III, é solicitado auxílio aos jesuítas para conquista da região próxima e além do Rio Uruguai (Ribeiro *et al*, 1976). Assim, é criada a Província Jesuítica do Paraguai, no ano de 1607, sendo que dela passam a fazer parte terras do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

No contexto político Schallenberger (1997, p.10) realiza importante colaboração ao abordar o papel das missões jesuíticas no contexto Colonial:

[...] as missões jesuíticas da antiga Província do Paraguai resultaram, pois, de uma medida política do sistema colonial, numa associação dos interesses da Igreja e do Estado, para trazer uma solução humana e cristã para os conflitos resultantes da indiscriminada exploração da força de trabalho indígena pelos colonos espanhóis e de seu avanço sobre os territórios tribais

O estabelecimento de Jesuítas nesta região, bem mais do que um simples processo de catequização e expansão do cristianismo, ofereceu importante contribuição para a expansão do território espanhol na região, conforme apresentado por Felipetto (2022, p. 14): “Assumindo as ações de evangelização, caminharam entre os indígenas guaranis se afastando das cidades, em direção às

fronteiras coloniais, expandindo o território dominado.”. Segundo Cristo (2017 *apud* Becker, 1992) “Neste processo de ocupação a Companhia de Jesus teve um papel fundamental, pois eram os padres que tinham a função de “catequizar e civilizar” as sociedades ameríndias, por meio das missões-reduções”.

Cabe neste ponto realizar a abordagem do princípio jurídico vigente neste espaço temporal: o *Uti possidetis*. Por tal princípio o direito ao território devia caber ao povo que o povoara, que o conquistara aos primitivos habitantes, conforme Camargo (2002). Neste sentido:

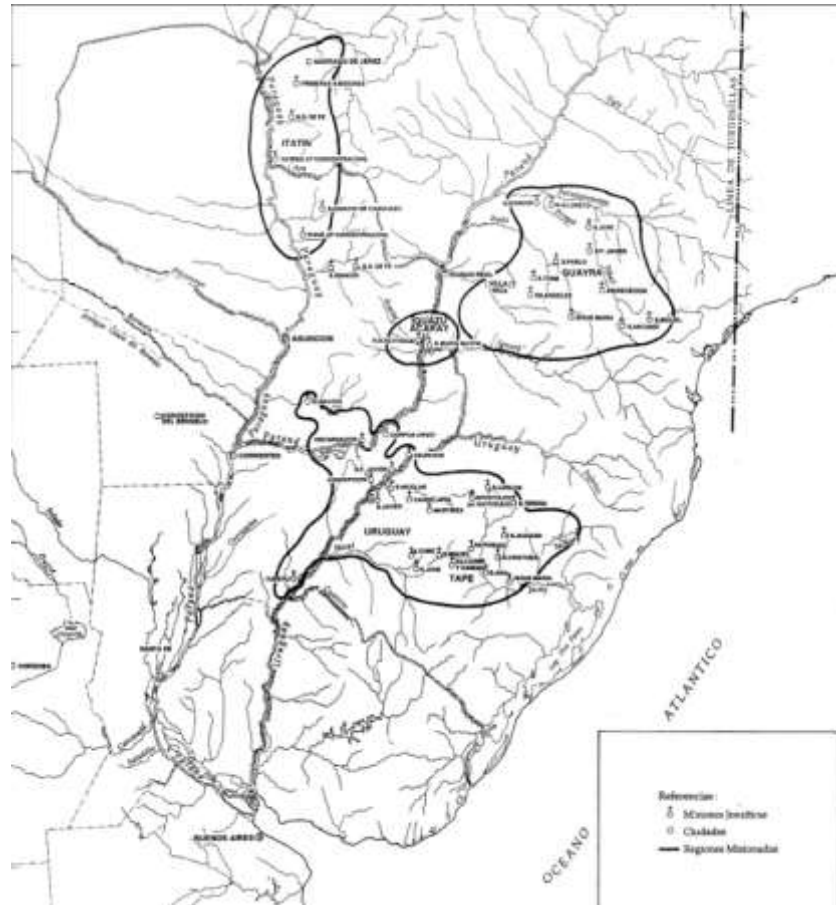
A Companhia de Jesus se envolveu num processo interessante de desafio ao poder central nos reinos nos quais estava estabelecida. Aparentemente tal fato não se deveu a qualquer contestação direta às autoridades temporais, mas o referido desafio ocorria espontaneamente, na medida em a Companhia de Jesus ocupava espaços que o Estados, cada vez mais, reclamavam como seus. (CAMARGO, 2002, p.6)

A garantia da posse deste território angariou a simpatia do Soberano da Espanha, que via a atividade missionária como fator importante para garantir o *Uti possidetis* desta região, conforme Prezias; Hoornaert (2000); De Moura (2011, p. 73): “O rei de Espanha sempre apoiou os jesuítas, pois vias as missões como uma forma de defesa das fronteiras espanholas, impedindo o avanço dos bandeirantes.”.

Tal processo de expansão e posse da terra levou a criação de novas províncias jesuíticas, desta vez adentrando no atual território brasileiro, a citar: Guairá, Itatim, Uruguai e Tape. Segundo Oliveira (2023):

Com a implantação das reduções na região do Guairá, hoje Estado do Paraná, afirmaram-se os trabalhos reducionais dos jesuítas no Paraguai. Instalaram Nossa Senhora de Loreto (1610), na margem esquerda do Parapanema, São José (1625), São Francisco Xavier (1622), Encarnación (1625) e São Miguel (1627) na margem esquerda do rio Tibagi, São Inácio (1610), no Parapanema; São Paulo (1627), Santo Antonio (1627), Jesus Maria (1629), Santo Tomás (1628) e Sete Arcanjos (1627), no curso superior do rio Ivaí. Concepción (1627) e São Pedro (1627) no curso superior do rio Piquiri. Santa Maria Maior (1626), na confluência do Iguazu com o rio Paraná, e Natividade do Acaray (1622), do outro lado do rio Paraná, no atual Paraguai. (OLIVEIRA, 2023, p. 1)

Figura 1: Mapa da localização das Províncias Jesuíticas do Guairá, Itatim, Uruguai e Tape



Fonte: Maeder (1999), p. 116.

Montoya (1985) complementa que as povoações que naquela província chegaram ao seu final por intermédio dos vizinhos de São Paulo.

Conforme Bruxel, (1987, p. 15):

[...] no mesmo ano da expulsão do Guairá, em 1631, iniciaram-se as fundações da região do Itatim, ao norte de Assunção, no atual território do Mato Grosso do Sul: Anjos (1631), São José (1631), São Benito (1632), Natividade (1632), Santos Apóstolos Pedro e Paulo (1633) e Encarnação (1633). Na região do Paraná e lado direito do rio Uruguai, foram fundadas São Inácio Guaçu (1609), Itapua (1615), Conceição (1619), Japeyu (1627), São Xavier Tobati (1629) e Assunción do Acaraguá (1630).

O mesmo autor diz que onde hoje é o Estado do Rio Grande do Sul estava a Região do Tape e sobre ela os jesuítas fundaram na primeira fase de ocupação desse território, 18 Reduções.

Sobre o processo de fundação das Reduções do Tape, De Moura (2009) afirma que os primeiros contatos com os indígenas iniciaram em 1615, com o Padre Roque González. O autor continua: “Por volta de 1626, padres jesuítas se deslocam para a região do Tape, com o intuito de instalarem ali missões jesuíticas como uma dilatação das missões do Paraguai. O primeiro povoado criado foi o de São Nicolau do Piratini, no mesmo ano” (De Moura, 2009, p.19).

Após esta primeira povoação, ocorre a criação de outros dezessete povoados que irão compor a chamada Primeiro Ciclo Missionário (1626-1637): Nossa Senhora da Candelária do Ibicuí (1627), São Francisco Xavier (1627), Assunção do Ijuí (1628), Todos os Santos do Caaró (1628), Apóstolos (1629), São Carlos do Caapi (1629), São Tomé do Ibicuí (1632), São Miguel Arcanjo (1632), São Cosme e São Damião (1632), Santa Ana (1633), São José (1633), Jesus-Maria (1633), Natividade (1633), Santa Teresa (1634), Visitação (1634), São Cristóvão (1634) e São Joaquim (1634). Tais Reduções estavam distribuídas nas bacias dos rios Uruguai, Ijuí, Ibicuí e Jacuí. Kern (1994) afirma que a etnia que mais foi tocada, nessa instalação de uma frente de colonização missionária espanhola foram os Guaranis.

Figura 2 – Mapa das Reduções Jesuíticas do Tape



Fonte: JAEGER, Luiz Gonzaga. **Índios rio-grandenses civilizados pelos antigos jesuítas.** ENCICLOPÉDIA RIO-GRANDENSE. Canoas: Regional, 1956. p. 20.

## 2.2 As Reduções Jesuíticas do Vale do Rio Pardo: localização e principais aspectos

No processo de expansão territorial realizado pelos Jesuítas da Companhia de Jesus, durante o século XVII, partindo da região noroeste do atual estado do Rio Grande do Sul, as reduções multiplicaram-se pelas diferentes Bacias Hidrográficas, estabelecendo novos assentamentos, normalmente utilizando-se, sempre que foi possível de assentamentos indígenas primitivos. O presente trabalho busca analisar as Reduções Jesuíticas que estabeleceram-se na Bacia do atual Rio Pardo, na região central do Estado. O Rio Pardo é afluente da margem esquerda do Rio Jacuí.

Segundo Cardoso et al. (2015) *apud* Weschenfelder et al. (2006), a Bacia Hidrográfica do Rio Pardo está localizada na região central do Estado do Rio Grande do Sul e aflui diretamente ao Rio Jacuí, junto à cidade de Rio Pardo. Sua nascente na região da Serra do Botucaraí, no atual município de Barros Cassal. Integram a Bacia, total ou parcialmente, os seguintes municípios: Barros Cassal, Boqueirão do Leão, Candelária, Gramado Xavier, Herveiras, Lagoão, Passa Sete, Rio Pardo, Santa Cruz do Sul, Sinimbu, Vale do Sol, Venâncio Aires e Vera Cruz. Seu principal afluente é o Rio Pardinho, situado em sua margem esquerda.

Para fins de etimologia, o Rio Pardo recebia dos originários habitantes o nome de Iequi, enquanto seu afluente principal, o Rio Pardinho, era nominado de Iequi-mini, conforme aponta Porto (1943, p.120) quando relata da rebelião de indígenas não catequisados que atacavam as Reduções da região: “Estavam já os infieis entrincheirados à margem direita do Iequimini (Rio Pardinho) que, tendo crescido muito devido às chuvas que caíram à noite [...]”.

Uma vez situado territorialmente o Vale do Rio Pardo (Iequi) podemos partir para a descrição de seus habitantes no período histórico abordado no presente estudo (século XVII). Diversos autores teorizam sobre quais grupos humanos ocupariam a região. Ribeiro (1991) aponta que seriam ceramistas e horticultores da tradição Tupi-guarani, embasando sua afirmação no estudo de cerâmicas policrômica. Neste contexto percebe-se a história enquanto ciência em construção, pois o mesmo autor, em estudo anterior, abordando a descoberta da Redução Jesus-Maria, no município de Candelária pontua: “É difícil afirmar quais foram os primitivos habitantes da região das reduções. Alguns dizem que tenham sido da grande nação Guarani; outros afirmam que eram índios guaranizados (Tapes?)” (RIBEIRO, 1976, p. 5).

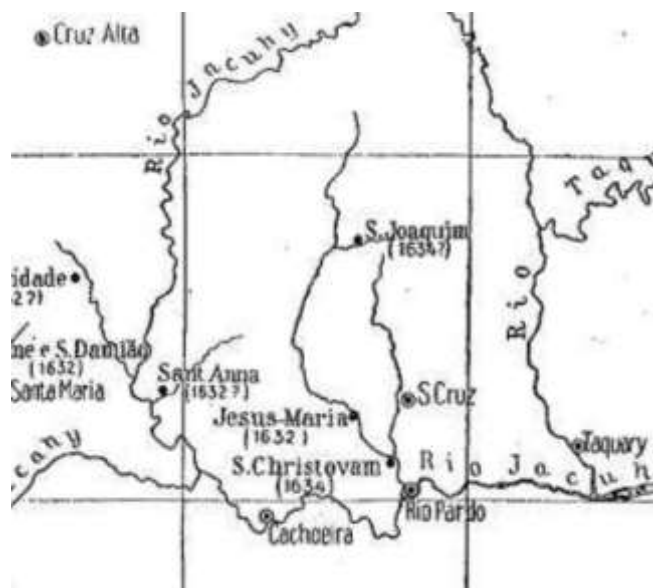
Os estudos arqueológicos realizados na região por Ribeiro (1991) apontam para uma ocupação originária de indígenas Guaranis, sendo tal ocupação comprovada por evidências cerâmicas e líticas dos locais estudados.

No sentido e análise dos grupos étnicos da região torna-se inviável uma análise das fontes primárias, a citar documentos elaborados pelos Jesuítas, tendo em vista que os colonizadores de origem europeia na maioria das vezes realizavam uma generalização das populações catequizadas, não levando em conta a sua diferenciação étnica.

Neste sentido Cavalcante (2009) já aborda as dificuldades da etnoidentificação dos Guaranis coloniais, que fazendo parte de um tronco linguístico comum, diferem muito em suas características culturais nas diferentes regiões em que habitavam.

Realizada a territorialização e a identificação populacional dos primitivos habitantes do Vale do Rio Pardo, pode-se realizar a sua inserção no contexto colonialista missionário, com a fundação das três regiões situadas nesta Bacia Hidrográfica, conforme apontado por Ribeiro (1976, p. 5): “Sabe-se que a fundação de Jesus-Maria deu-se em 1633, pelo padre Pedro Mola; São Cristovão, próximo a foz do Rio Pardinho, pelo padre Agostinho Contreras; São Joaquim, próximos às nascentes do Rio Pardo, pelo Padre João Suárez.”. O mesmo autor pontua que Jesus-Maria, juntamente com São Cristovão e São Joaquim formavam as Reduções mais a leste do Rio Grande do Sul.

Figura 3 – Detalhe das Reduções Jesuíticas do Vale do Rio Pardo/RS



Fonte: Fonte: JAEGER, Luiz Gonzaga. **Índios rio-grandenses civilizados pelos antigos jesuítas.** ENCICLOPÉDIA RIO-GRANDENSE. Canoas: Regional, 1956. p. 20.

A Redução Jesuítica Jesus-Maria é fundada no Rio Iequi em 1633. Sobre a fundação desta redução, Cortesão (1969, p.88-89) apresenta detalhes de sua fundação, retirados da Carta ânuia das Missões do Paraná e do Uruguai, relativa ao ano de 1633, escrita pelo Padre Pedro Romero:

De la reduccion de S. Carlos fue fuerza sacar al P.e Mola y traerle para fundar esta de Jesus Maria puesta alia en lo ultimo de la sierra. fue por noviembre de 1633 y como las cabalgaduras que por aca tenemos son poças y malas la que el P.e llebaba era tal que fue fuerça fuesse lo mas dei camino a pie con unos calores excessivos, perseguido de tabanos que le daban muy bien en que merecer, llego al pueblo de S. Joachim donde los Yndios le regalaron con caça de benados y batatas, pero el mayor regalo para el P.e fue el oirles rezar en sus casas las oraciones que algunos dellos abian aprendido en otros pueblos. consololos el P.e con las platicas que les hizo tres dias que estubo en su pueblo detenido por las aguas, dandoles noticia por extenso de su criador y Redemptor de que gustaron mucho los Yndios. En este interin los deste Pueblo de Jesus M.a, sabiendo que el P.e venia a sus tierras, fueron muchos dellos con el Capitan y caziques a recebirle al camino llebandole sus presentes de mbocayiy (que es un genero de lino precioso próprio desta tierra), consolóse el P.e con la vista de sus ovejas y dió gracias a nro S.or por ver quan dispuestos los tenia para recibir el S.to Evangelio. dióle el capitan la bien venida a su usanza y luego detrás dei los demas caziques y gente que venia, diziendole entre otras cosas que fuesse luego a su tierra a bautizar los enfermos y ninos que avia, porque tenian mucha necessidad dei, porq el solo era su confianza. fuesse el P.e muy contento con ellos y a la mitad dei caminho halló otra tropa de gente que estaba adereçando el camino por donde el P.e avia de pasar. Entonces el Cap.an dixo al P.e que queria adelantarse p.a avisar a la gente de su llegada y con ser poco el tiempo que tubo, lebantó arcos y juntó la gente como un P.e lo pudiera hazer. llegó con grande regozijo de todos; hablóles y dixoles la causa de su venida y luego los Yndios le ofrecieron sus hijos para que los bautizasse, en cuya ocupacion gasto muchos dias por ser mucha la gente deste contorno, hizieron luego en solo quatro dias una casa de 24 pies de alto y muy buena sin que el P.e casi les asistiesse y en breve acabó tambien una Yglesia de 34 pies en alto y 50 de ancho en que se disesse missa y administrassen los S.os Sacramentos.

Tal relato traz algumas percepções inerentes à fundação desta Redução: embora alguns autores coloquem a fundação de São Joaquim como ocorrida no ano de 1634, com Jaeger (1936), a carta ânuia dando a fundação da Redução Jesus-Maria em novembro de 1633 informa que partindo de São Carlos (Redução descrita como localizada no norte do Rio Grande do Sul), chega ao Povo de São Joaquim. Tal fato também é confirmado na mesma carta ânuia, que apresenta índice das Reduções existentes em 1633, apresentando sobre n.º 18 a Redução de São Joaquim (S. Joachim).

Outra percepção importante refere-se a receptividade por parte dos indígenas, que presentearam o Padre em São Joaquim com caça de veado e batatas e posteriormente os moradores da futura Redução de Jesus-Maria foram

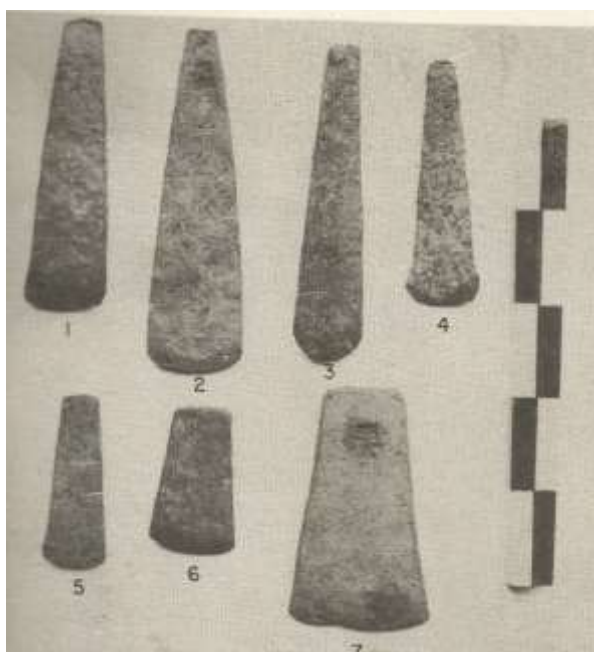
receber o Padre no caminho, levando presentes (mbocayiy) e enfeitando o caminho. Também tais indígenas constroem, para uso do Padre, uma casa e uma Igreja para rezar a missa e administrar sacramentos. (CORTESÃO, 1969)

Tal redução foi uma das mais prósperas da primeira fase. Ribeiro (1976) aponta que Jesus-Maria foi a mais importante da região e onde maior número de cunhas de ferro foram distribuídas, apontando também que na Redução e em suas chácaras viviam cerca de 8.000 almas. Tal progresso também é apresentado na Carta ânua de 1635, escrita pelo Padre Pedro Mola, publicada por Cortesão (1969, p.116):

Esperamos cojer cien anegas de trigo y otras tantas y mas de maiz assi lo juzga el H.º Bernal que las a bisto [...] los ganados de Bacas y puercos estan mui gordos y se ban muy bien aumentando el qual guardan y encierran todos los dias sin q aia faltado cabeça que sepamos.

Além do progresso agropecuário, Ribeiro (1976) coloca a Redução localizada pela linha de ervais nativos, ervais estes que serviam de grande fonte econômica para as Reduções. Porto (1943, p. 109) informa “Em 1636, além do gado vacum, em Jesus-Maria havia já um bom rebanho de ovelhas.”.

Figura 4 – Cunhas de ferro encontradas em escavação ao sítio arqueológico da Redução de Jesus-Maria



**Fonte:** RIBEIRO, Pedro Augusto Mentz et al. **A redução jesuítica de Jesus-Maria, Candelária, Rio Grande do Sul-Nota Prévia.** REVISTA DO CENTRO DE ENSINO E PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS. A Redução Jesuítica de Jesus-Maria, Candelária, RS. Nota Prévia. Santa Cruz do Sul: Museu do Colégio Mauá, 1976. p. 59.

A Redução Jesus-Maria foi localizada em trabalho de campo por Ribeiro (1976), localizada próximo ao núcleo urbano de Candelária. Pompeu (2016) a coloca, juntamente com Candelária do Caaçapaminí e São Miguel do Itaiacecó como as três Reduções Jesuíticas da primeira fase missioneira que foram localizadas e pesquisadas arqueologicamente.

Como identificadores para tal povoado, Ribeiro (1976) utiliza-se da paliçada utilizada na defesa dos ataques de bandeirantes paulistas, em bom estado de preservação na época e parcialmente destruída atualmente, restos de louças, cunhas de ferro e outros objetos característicos da ocupação colonial europeia. Cortesão (1969, p.389), relata da construção da paliçada para defesa da Redução “Sabendo disto (aproximação dos paulistas), os padres deram-se pressa em construir em volta da redução de Jesus Maria, uma paliçada, ainda que imperfeita.”.

Figura 5 – Imagem dos resquícios da paliçada encontrada no Sítio arqueológico da Redução Jesus-Maria por Ribeiro (1976).



**Fonte:** RIBEIRO, Pedro Augusto Mentz et al. **A redução jesuítica de Jesus-Maria, Candelária, Rio Grande do Sul-Nota Prévia.** REVISTA DO CENTRO DE ENSINO E PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS. A Redução Jesuítica de Jesus-Maria, Candelária, RS. Nota Prévia. Santa Cruz do Sul: Museu do Colégio Mauá, 1976. p. 59.

Outro aspecto que corrobora na sua localização é a nomenclatura utilizada nos documentos produzidos na época (Taunay, 1927, Porto, 1943 e Cortesão, (1969): Jesus-Maria de Ibiticarai ou Ibiticarayba. Tal termo traduzido como montanha santa/sagrada identifica o Morro do Botucaraí, situado há cerca de 5 quilômetros do sítio arqueológico da Redução.

Figura 6 – Mapa missioneiro contendo gravura do Ibiticarai



Fonte: FURTADO, Júnia Ferreira; BARCELOS, Artur Henrique. **O Terrarum S. Michaelis do padre Tadeu Henis: um mapa missioneiro e seus cartógrafos** Guarani. Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material, v. 32, p. e36, 2024. p 11.

A Redução Jesus-Maria foi atacada e ocupada pela bandeira de Raposo Tavares em dezembro de 1636, utilizando-se desta redução como base para ataque das demais Reduções situadas na região. Conforme Porto (1943), a Bandeira utilizou-se de provisões colhidas nas chácaras e também de animais dos rebanhos da Reduções para alimentar suas tropas, antes de sua retirada para paliçada situada junto ao Rio Taquari: "...os bandeirantes se espalharam pelas roças e chácaras fazendo grande provisão de comidas e matando umas vaquinhas que tinha" (Porto 1943, p. 279).

A Redução de São Joaquim ficava situada nas cabeceiras do Rio Pardo, na Serra do Botucaraí (Porto, 1943). Sobre sua fundação Cortesão (1969, p.86-87) apresenta Carta ânua das Missões do Paraná e do Uruguai, relativa ao ano de 1633, escrita pelo Padre Pedro Romero:

Poco despues vino a dar principio esta reduccion dei glorioso Patriarcha S. Joachim el P.e J.º Suarez tan pobre de cosas y alhajas que preguntandole un P.e que cosas llebaba para dar principio a su reduccion y para ganar a los Yndios respondio que no llebaba outra cosa que la semilla dei Santo evangelio para sembrar en sus almas y que con ella yba muy rico. [...] Con tanta pobreza padecen mucha incommodidad los P.es al principio porque como no tienen aun entabladas sus sementeritas para su sustento, es fuerza que los Yndios les den alguno de maiz y frisoles con q pasan, aunque mal, porque como no estan acostumbrados a estas comidas les haze mucho dano y cria dentro de los cuerpos gusanos muchissimos de que mueren los mas de los Yndios y aun los perros y gatos que tienen en su casa rebientan muchos de los gusanos que les crian estas comidas destas tierras y q.dº los P.es los comen, lo sienten tambien y aun agora al presente ay algunos que padecen esta enfermedad, echando a temporadas de su cuerpo mucha cantidad de gusanos. Por esta causa y otras está ordenado que cada uno haga su sementerita de trigo para las ostias dei S.tº Sacrificio de la missa y para su sustento, lo qual les cuesta sudor de su rostro y trabajo muy grande, porque aunque los Yndios ayudan con buena voluntad,[...] En médio desta pobreza no falta la caridad S.ta de los demas P.c; que se aman cordialissimamente y se embian unos a otros de lo que tienen y aunque sea un bocado de pan, lo reparten entre si como buenos hermanos. Como lo an hecho al presente con el P.e J.º Suarez, el qual ayudado con estos socorros a hecho su Yglesia y su pobre casa en que vivir.

Percebe-se pelo relato, que a situação de tal Redução era de extrema pobreza, passando o Padre Suarez por muitas dificuldades, principalmente até conseguir a sua produção de trigo, tendo que receber alimentos dos indígenas. Fica evidenciada condição sanitária com infestação de vermes nos habitantes e animais domésticos, que por vezes resultava em mortes.

As dificuldades de produção de provisões neste povoado foram enormes devido a sua localização:

Em São Joaquim, porém, em plena Serra, não se encontrou lugar apropriado para fazer campo de criação. Era a única redução das da Serra onde não havia lugar que prestasse nem sequer para chácaras, sendo o seu gado levado para Jesus-Maria, onde havia excelentes campos de pastagem... (Porto, 143, p. 275)

Porto (1943, p. 106-107) colabora ainda com outro relato:

Segundo o P. Romero, era esta uma das reduções mais trabalhosas da serra, porque a gente dela está metida pelos matos e ásperas serranias. Muito auxiliou ao P. Suárez o seu companheiro Cristóvão de Arenas que, por matos e serras quase inacessíveis, conseguiu em dois dias, descendo o planalto, ir até a Jesus-Maria, que ligou por um pique a São Joaquim, facilitando assim as comunicações entre ambas, até então inexistentes.

Tal citação levanta uma hipótese que pode tornar-se objeto de estudo posterior: Seria esta picada o traçado primitivo da antiga Picada do Botucarahy, utilizada pelos tropeiros no século XIX?

Apesar das dificuldades, a Redução prosperou grandemente, chegando a congregar 1.000 famílias (PORTO, 1943).

Porto (1943, p.119) coloca ainda São Joaquim como próxima ao Taiaçuapé, local de junção dos indígenas infiéis que reuniam-se para atacar as Reduções na chamada Junta dos Feiticeiros: “Ariya, cacique de São Joaquim, [...] tendo o corpo pintado como os infiéis, conseguiu entrar em Taiaçuapé, que ficava nas proximidades de São Joaquim e ali observou que os feiticeiros aprestavam os índios [...]”.

A Redução de São Joaquim também foi alvo do ataque da Bandeira de Raposo Tavares, porém já havia sido evacuada, conforme apresenta Porto (1943, p. 156) “São Joaquim, que ficava ao norte de Jesus-Maria, e donde os Padres já haviam retirado os habitantes, recebeu também a importuna visita.”. Tal afirmação é confirmada na Carta ânua do Padre Diogo de Boroa que relata a destruição das Reduções da Serra do Botucaraí, conforme apresentado por Cortesão (1969, p. 145): “porq luego trataron de dar sobre la Red.on de S. Ana y sobre la de S. Joachin y executaronlo muy a su salvo en la 2.a. Si con tiempo los P.es no huvieran retirado y esparcido la gente si bien esta dilig." no aprovechó p.a q no les cogiessen y captivassen muchos índios.”

A ultima Redução Fundada no Vale do Iequi foi São Cristovão, em 1634. Foi erguida na margem direita do Rio Pardo, em frente a foz do Rio Pardinho (Iequimini). Porto (1943, p. 110), apresenta sua fundação:

P. Agostinho Contreras que, em 1634, elevou a cruz e demarcou a povoação. Ao capitão Antônio Caraichure, que era o cacique principal da região, deveram os padres os fundamentos desta povoação que atingiu apenas em dois anos grande desenvolvimento. Por falta de sacerdotes que os atendessem, mandavam os índios que seus filhos fossem a outras reduções a fim de serem instruídos na religião e batizados. Estes, voltando, tornavam-se mestres dos próprios pais, a quem, em suas aldeias, ensinavam as práticas religiosas que com os Padres haviam aprendido. Entre os que mais aproveitaram com essas lições, contava-se D. Antônio, o cacique principal que, em pouco tempo, reunindo os índios, lhes pregava a doutrina cristã.

Durante a sua curta existência teve que, juntamente com as demais Reduções do Iequi, enfrentar a Junta dos Feiticeiros, para a qual contribui com 96 homens para o Exército formado em defesa das Reduções (CORTESÃO, 1969).

A Redução de São Cristóvão era famosa pela beleza de sua Igreja, considerada a mais bela do primeiro Ciclo Missionário, conforme apontam Cortesão (1969) e Porto (1943) ao afirmarem que ela era “mui linda” e “toda caiada”

Também esta Redução pereceu sob ataque da Bandeira de Raposo Tavares, conforme aponta Porto (1943, p. 157):

[...] saíram de sua paliçada ou fortaleza, com bandeira e caixa, como haviam acometido a redução de Jesus-Maria, para destruir São Cristóvão, que invadiram hostilmente, no dia santo de Natal. Mas, os índios serranos brigaram com tanto valor que, por duas vezes, rechaçaram os inimigos e, depois de pelejar quatro horas e meia, já estando uns e outros cansados, ao cair da noite, ficaram eles em pior posição, e se os nossos tivessem umas duas dezenas de espanhóis, que intervissem com suas escopetas, ou lhes viesse um refresco de mais 300 índios, não ficaria deles quem desse notícia. [...] Os paulistas, que haviam poupado a igreja de São Cristóvão, que era mui linda, toda caiada», queimaram-na juntamente com dos Padres, destruindo, assim, a redução. Em seguida retiraram-se para Jesus-Maria.

Como relatam os textos, as Reduções do Vale do Rio pardo chegaram ao seu final perante o ataque da Bandeira de Raposo Tavares, que levou destruição à região, escravizando grande parte das populações reduzidas pelos Jesuítas.

### **2.3 Rio Grande do Sul no século XVII: fronteira em construção**

Ao realizar um deslocamento temporal para o território do atual Rio Grande do Sul, durante o século XVII, com seu processo de colonização por parte dos Jesuítas da Companhia de Jesus há necessidade de avaliar as implicações deste projeto evangelizador para o contexto fronteiriço da região.

Como já abordado anteriormente, o princípio do *Uti possidetis* garantia a posse da terra para quem efetivamente a ocupasse. Com a instalação das Reduções, tal fronteira vivia em contínuo deslocamento partindo do Oeste para o Leste. A cada novo povoado formado, a consolidação da posse de um novo território e sua fronteira sofria alterações. Kern (2016, p. 13) afirma que “Foi intensa a oposição entre os jesuítas e bandeirantes até 1641, quando estes últimos empurraram, violentamente, os limites do mundo colonial espanhol para o oeste”.

A dinâmica de estabelecimento de fronteira normalmente utilizava-se de acidentes geográficos para demarcação da nova fronteira, principalmente Rios e seus afluentes. Neste sentido, “As fronteiras geográficas são linhas reais ou imaginárias que delimitam o território de um Estado, podendo ser naturais, como rios e montanhas, ou artificiais, traçadas por convenções políticas” (Raffestin, 1993, p. 142).

Diferentemente, Bruslé (2015, apud Kern, 2016) pontua que “a fronteira não é uma linha, mas sim um espaço. O que caracteriza este espaço não seria tanto a sua organização espacial, mas sim as particularidades dos atores sociais.”

Quando transportado para a região do Vale do Rio Pardo, percebe-se que tal Rio serviu como uma fronteira geográfica dos seus povoados, servindo como linha facilitadora de suas defesas, mas ao mesmo tempo foi fronteira espacial, separando atores sociais com suas particularidades e oposições.

Os Jesuítas implantavam táticas militares em seus povoados, conforme apresentado por Porto (1943) ao referir-se as defesas criadas em Jesus-Maria diante do eminente ataque bandeirante. Dentre estas táticas, eram utilizadas as fortificações dos passos nos cursos d’água. Embora não há registro deste uso no Rio Pardo, tal situação é relatada no caso da Redução de Santana, acometida no mesmo ataque, conforme Porto (1943, p. 147): “à margem direita do Jacuí, natural barreira defensiva, «que poderia estorvar o passo ao inimigo», essa redução oferecia de pronto condições mais favoráveis de defesa.”.

Tal processo de defesa também caracteriza esta fronteira como uma fronteira política, como informa Kern (2016):

É o poder político, numa fronteira política como esta que se formava no século XVII, que incluía dentro de seus limites próprios as instituições militares ali atuantes, e por isso, quando o poder de ação da religião deixou de fazer efeito sobre os bandeirantes para limitá-los nas suas expedições escravagistas, restou aos jesuítas a solução de buscar o apoio do poder político do Rei da Espanha para agir de maneira coercitiva sobre São Paulo, por um lado, e de criar os seus próprios meios de defesa da fronteira, por outro. (KERN, 2016, p.14)

Mesmo com a existência de uma fronteira física, outra característica da fronteira segundo Reboratti (1990) é que ela é um espaço relacional. Neste sentido, a fronteira criada pelo Rio Pardo no século XVII permitiu a diferentes atores a constituição de relações sociais, em alguns momentos pacíficas, e em outras de forma belicosa. Cortesão (1969) apresenta momentos de transposição desta

fronteira física por parte dos Jesuítas, como uma entrada até o Rio Taquari e outra do Padre Cristovão de Mendoza até o Ibiaçá, bem como momentos onde a transposição ocorreu por parte de indígenas não reduzidos (feiticeiros) que buscavam confrontar o projeto reducional, além de penetrações de Indígenas reduzidos em momentos de combate a Indígenas não catequisados.

Levando em conta os conceitos de tensão e relação apresentados por Silva (2023), a fronteira criada no Vale do Rio Pardo caracterizou-se pela tensão entre atores europeus, tanto espanhóis na figura do Jesuíta, quanto portugueses na figura dos Bandeirantes e indígenas, reduzidos ou não, em diferentes conjunturas, bem como espaço de relações, onde os indígenas associaram conforme o seu interesse, com diferentes parceiros, primando sempre pela manutenção de seu modo de vida no contexto de transformação social vivenciado no século XVII.

Assim, a contrariedade das relações torna necessária “Uma nova definição de fronteira mais abrangente [...] capaz de captar sua especificidade – como espaço excepcionalmente dinâmico e contraditório – e a relação desta com a totalidade que é parte” (Becker, 1988, p. 62).

Neste contexto de trocas, sincronias e dicotomias as Barth (2000, p. 25) afirma que: “Fronteiras culturais são linhas simbólicas que distinguem práticas, valores e modos de vida entre grupos sociais, embora frequentemente sejam atravessadas e contestadas”.

Já Kern (1994, *apud* De Moura, 2009) relata as mudanças da sociedade indígena, referindo que “os guaranis saem de suas aldeias neolíticas de horticultores para ingressar nos ‘pueblos de índios’ coloniais: uma nova realidade que jamais existiu na velha Europa”.

São perceptíveis as trocas culturais ocorridas neste contexto de formação fronteiriça, que ajudam na constatação de tal tipo de fronteira: “A fronteira cultural é entendida como uma zona de contato entre culturas distintas, onde ocorrem trocas, conflitos, ressignificações e, por vezes, sincretismos” (Haesbaert, 2004, p. 119).

A região do Vale do Rio Pardo no período de existência de suas Reduções apresentou-se como um espaço onde tanto Pajés contatavam populações reduzidas, quanto jesuítas tentavam arrebanhar novos neófitos para seus povoados. Assim, Kern (2016, p.17) argumenta: “Nos espaços sociais das fronteiras, podemos documentar migrações de grupos étnicos ou de simples indivíduos, de um lado para outro ao longo dos espaços de circulação.”.

Desta forma, a religião indígena é ressignificada pelos Jesuítas, apropriando-se quando possível de seus elementos ancestrais, gerando sincretismos entre a religião pagã e cristã, conforme Agnolin (2006), bem como a troca também seu modo de vida é transformado neste processo, conforme verificado em seus resquícios materiais, exemplificado pela cerâmica da fase Reduções, que incorpora formatos das porcelanas dos padres em seus recipientes (RIBEIRO, 1976).

#### **2.4 Caciques, Pajés, Jesuítas e Mus: atores de uma construção social**

Diante de um espaço geográfico submetido a diferentes formas de pressão em um processo de construção das fronteiras, deve-se levar em conta também os seres humanos envolvidos neste processo. Cada indivíduo, assim como o grupo social no qual estabelece suas relações, sofre as influências de seu contexto territorial e social.

Na região do Vale do Rio Pardo do século XVII, travam relações dois principais grupos sociais: Indígenas e Jesuítas. Enquanto os Jesuítas vivenciam um papel de colonizador baseado na fé cristã, os indígenas possuíam diferentes formas de adaptações sociais de forma a garantir seus interesses, aliando-se ou confrontando a força representado pelo colonizador de origem europeia na figura do Jesuíta.

Sobre a influência sofrida pelo grupo indígena Guarani frente a expansão da fé cristã europeia, Monteiro (1995, p. 475) afirma

Embora tenha afetado direta ou indiretamente a demografia, a distribuição espacial e a organização política de todos os povos [...] atingiu de modo particular os Guarani, que sofreram profundas transformações decorrentes das práticas políticas impostas pelos principais agentes da expansão europeia.

Para entendermos a liderança Guarani temos que entender sua estrutura social: “[...] na base da organização Guarani está a Teýy, que corresponde a organização social do grupo. Essa concepção se aproxima ao nosso conceito de família, que se traduz, simplificada, a soma de diversas famílias nucleares, de pai, mãe e filhos.” (Souza, 2015, p.7).

O mesmo autor salienta que “dentro de uma Teýy encontramos então: o avô, que geralmente é o líder principal, suas esposas, seus filhos, netos e bisnetos”.

Souza (2015) afirma que geralmente um avô, é o homem de maior prestígio dentro da Teýy, que pode ser tanto um líder político como religioso, ou ambos. Os colonizadores e Jesuítas referiam-se a esta liderança como “Cacique”.

Souza (2015) e Soares (1997) relatam que dentro da cultura Guarani a liderança designava-se como “Tuvichá”. Cristo (2017, p. 28) ao tratar da etimologia das lideranças coloca que “Mburubichá é a nomeação dada a liderança de um Guará, já o termo Ycubicha se refere ao líder de um Tekohá.”. De modo geral, o termo europeu Cacique acabou sendo incorporado na cultura dos guaranis missioneiros.

Independente da etimologia utilizada, a figura de liderança dos Guaranis, neste estudo denominada “Cacique” apresentava características comuns dentro desta sociedade. Montoya (1997) ao falar dos Caciques Guaranis informa que todos reconhecem nobreza herdada de seus antepassados. Cristo (2017, p. 45) apresenta a importância desta liderança indígena:

No que tange aos Ycubicha (Cacique) Guarani, sabemos que havia um respeito muito grande por estes, pois eram os eles que tinham o papel de tomar as decisões em momentos de dificuldades. Mesmo que eles não detivessem poderes supremos como nas sociedades não-índias, tomando decisões com a comunidade, nos momentos de dificuldades esperava-se que o Ycubicha tomasse a frente.

Além disto, aos caciques cabia manter o *ñande reko* Guarani, ou seja, o modo de ser deste povo, sua cosmovisão em relação a si e ao ambiente circundante. (CRISTO, 2017)

Após o contato com o sistema missional dos Jesuítas, a liderança do Cacique passou a sofrer adaptações em face das exigências do novo modelo social e religioso: “As Reduções mantinham um sistema cooperativo entre elas [...] mantendo também a figura do cacique como aparente líder político.” (Souza, 2015, p. 11). Ressalta-se que por vezes tal liderança tornava-se algo subjetivo, porém não com poder decisório real.

Sobre as adaptações que tal liderança necessitou sujeitar-se no novo modelo social, Baptista (2015, p. 149-150) relata:

Só era cacique no espaço missional aquele que se vestisse o mais próximo possível de um europeu [...] Os líderes se vestem de forma diferente seriam os sujeitos que transitavam pelo complexo principal dos povoados e não eram caciques. [...] agora, em vez de cocares e mantos cravejados de plumas, são roupas espanholas as que se devem utilizar.

Se o Cacique desempenhava uma liderança no aspecto político e militar, embora algumas vezes também religioso, a figura de liderança religiosa por definição dentro da sociedade Guarani era exercida pelo Pajé (Paye). Cristo (2017, p. 28), afirma que “As lideranças espirituais dos Guaranis são os *Paye* e os *Karai*.”

Para Alvim (2004), nas sociedades indígenas os Pajés e os xamãs tinham o poder de se comunicar com espíritos, além de possuírem o poder de cura, o que para os Padres não passava de alianças que estes tinham com o demônio.

O modo de vida dos pajés e xamãs era comumente isolado dos grupos, vivendo uma relação particular com a natureza e seus espíritos. Conforme Castro (2002b, p. 468), os xamãs eram homens que tinham a capacidade de ultrapassar as barreiras humanas adentrando no universo do espiritual, “Sendo capazes de ver os não-humanos como estes se vêem (como humanos), os xamãs ocupam o papel de interlocutores ativos no diálogo cósmico”.

Neste processo de mediação sobrenatural, os Pajés teriam também a capacidade de comunicar com os animais. Cristo (2017) afirma que o termo “feiticeiro” ou “hechizero” é utilizado pelos jesuítas para referirem-se aos pajés e xamãs, que eram considerados homens hereges.

No contexto de disputas de influência no campo religioso das populações indígenas, os pajés, nominados pelos Jesuítas de feiticeiros, eram acusados de propagarem a antropofagia pelos territórios.

Trazendo para o mundo Indígena os contatos coloniais, surge outro ator a ser apresentado no cenário geográfico sulino: o Jesuíta, agente colonizador espanhol. Com a colonização europeia por parte dos Jesuítas, missionários da Companhia de Jesus, estes acabam adentrando no campo espiritual das populações indígenas. Neste processo de contato, o Jesuíta apropria-se da simbologia presente na cultura Guarani para facilitar a aceitação de sua cultura religiosa:

Constantemente, as cerimônias cristãs exprimiam simbolicamente a apropriação das áreas nativas pela cristandade, promovendo a paulatina transformação dos valores indígenas. Nas solenidades se encenavam o domínio das áreas selvagens e a domesticação do estilo de vida dos povos indígenas. Ademais, a racionalização espaço-temporal, a administração dos sacramentos e a atribuição de nomes cristãos também se configuravam como atos simbólicos cotidianos que reforçavam a mudança do modo de ser indígena. (FONTELLA, 2017, p.135)

Os indígenas também reconheciam os padres como seres que tinham domínio sobre o espiritual, como um novo Paye.

Assim, os índios recorriam a um líder espiritual com poder de curar os enfermos de malefícios que acreditavam ter origem além da dimensão humana e corporal. Fosse ele o curandeiro indígena ou o curandeiro cristão, interessava aos nativos livrar-se dos males. (Sposito, 2009. p. 5)

Como mostrou Eliane Fleck, “os jesuítas souberam usar de maneira muito eficiente este poder que se auto atribuíam, de terem uma resolução mágica para doenças e outros males cotidianos” (Fleck, 1999, p. 293).

Na disputa pela influência junto aos indígenas, os Jesuítas utilizaram-se de formação de povoados, as Reduções, para afastar estas populações do contato e influência de seus antigos líderes espirituais, conforme apresentado por Acioli: “A solução encontrada para afastar os índios de seus líderes espirituais foi a prática dos aldeamentos, um projeto europeu de aldeia artificial militarizada, sob autoridade do missionário, mas com o concurso de soldados, governadores e capitães.” (Acioli, 2002, p. 7).

Além de representarem a autoridade colonial, os Jesuítas passaram a figurar como a autoridade espiritual das comunidades fundadas. Tal processo representou em vias de regras uma ruptura com o modo tradicional de vida dos Guaranis, pois além de substituir a figura dos Pajés, representou também uma relativização da liderança dos Caciques, que ficaram vinculados a autoridade superior dos Padres.

O aspecto colonial também resultou em interações indígenas com agentes ligados aos portugueses. Tais atores ficaram conhecidos como Mus, que segundo Gruzinski, 2000 foram sujeitos surgidos do processo de mestiçagem, comum nas regiões fronteiriças. Tais sujeitos foram nominados pelos Jesuítas como Mus.

Alguns historiadores como Jaime Cortesão (1969) e John Monteiro (1994), em suas pesquisas referentes ao tema das bandeiras, mencionaram a existência desse grupo de indígenas que forneciam cativos aos portugueses. Cortesão (1969) afirma que:

[...] eram mus, isto é, aliados e parentes dos portugueses, segundo o conceito da família tribal, dominante entre os indígenas. [...] refere até que era mestiço de portugueses e índia, e que nos dá uma idéia de quanto vinha de longe a penetração dos bandeirantes naquele território e a sua aliança com os índios. (Cortesão, 1969, p. 379).

Montoya relata que a venda de cativos, nas adjacências da redução de Jesus-Maria, era realizada em mesas de câmbio, onde os Mus “dividen entre si las comarcas, y cada uno en su puesto tiene su aduar y mesa de cambio, para comprar indios, mugeres, y niños” (Montoya, 1639, p. 253).

Existe também, nos documentos referentes a Jesus Maria, menção a Aguaraguaçu, caracterizado pelos padres como “un yndio muy taimado y q a sido tambien de los mus de los Portugueses” (Cortesão, 1969, p.110). Quase todos os mus, quando descritos pelos missionários, foram caracterizados como taimados, ou seja, astutos.

Garcia (2010) afirmou que, em regiões de fronteira, os indígenas utilizavam-se de suas alianças conforme seus interesses, logo, não seria estranho se alguns mus se coligassem aos missionários, abandonando a função de intermediários. Tal situação pode explicar que nas incursões a leste do Rio Pardo houveram Mus que prometeram levar para serem reduzidos grande número de indígenas.

Sobre a ação dos Mus no tráfico de Indígenas escravizados, Silva (2011) afirma que devido a rede de rios navegáveis,

[...] tais como as bacias do Rio Pardo e Jacuí, que tem ligação com o oceano Atlântico, por meio da Lagoa dos Patos, havia se tornado um local de comércio de escravos, onde os Ybirayaras (Mus) trocavam indígenas capturados nas lutas com os guaranis, tapes e os próprios caáguas, por mercadorias trazidas pelos vicentinos [paulistas] (Silva, 2011, p. 122).

Cortesão aponta que devido a ameaça às Reduções fronteiriças, os Jesuítas necessitaram tomar medidas para eliminar a presença dos Mus nos arredores: “empenharam-se em destruir a organização comercial dos portugueses, ali preexistente e que se assentava na aliança entre bandeirantes e os mus, chefes indígenas da região” (Cortesão, 1969, p. 4).

Diante de tais fatos, percebe-se que os processos de contatos na fronteira fizeram parte de um universo marcado por jogos de poder entre os diferentes atores apresentados anteriormente, que contribuíram para a criação de um ambiente de trocas culturais e rupturas sociais que resultaram em grandes impactos para as sociedades indígenas locais.

## 2.5 Sociedades Indígenas: um processo de ruptura em andamento

O processo de formação de fronteiras resulta de dicotomias, por vezes envolvendo colonizadores, porém em outras, resultantes de transformações internas das sociedades envolvidas nestes processos.

Neste sentido, as sociedades indígenas sofreram diferentes processos de transformação, alguns dos quais já se apresentavam em curso quando da chegada dos colonizadores europeus.

As rupturas nas sociedades indígenas estavam fortemente ligadas em torno do papel de chefia, na forma de suas duas figuras: Caciques e Pajés, ambas com forte presença na etno-história dos Guaranis.

Monteiro, citando Pierre Clastres diz que:

O desenvolvimento de chefias fortes entre os grupos Tupi-Guarani, já em curso quando da chegada dos europeus, teria ameaçado a ordem tradicional e suscitado uma resposta da sociedade, com o intuito de impedir a apropriação do poder pelos chefes. Seria neste contexto que teriam surgido os karai, "profetas da jãngal", que contestavam frontalmente a autoridade do chefe e, evocando os mitos dos heróis-civilizadores e da "terra sem mal" por meio das "belas palavras" (do discurso profético), dos cantos, das danças e, por fim, das migrações, persuadiam os índios a abandonarem sua aldeias em busca de um paraíso terrestre. (Clastres, 1978 *apud* Monteiro, 1995, p. 481).

O profetismo Guarani estava fundamentado no mito da "Terra sem Males" (Yvy marãe'ỹ em guarani), uma espécie de transfiguração do paraíso, lugar onde não haveria sofrimento, doenças e morte. Alfred Métraux apresenta uma definição da Terra sem males: "Nesse lugar, as plantas nascem por si próprias, corre o mel em abundância e todos os que a alcançam usufruem a felicidade." (Métraux, 1950, p. 177). Kern (2016, p. 15) afirma sobre a busca deste lugar: "Guaranis, em suas migrações, de paisagens semelhantes às amazônicas, local de onde saíram. Buscavam o seu *teko há* (o lugar onde se vive) para ali estabelecer o seu *ñande reko* (o seu modo de vida)."

Clastres (1978) analisando o discurso Karai, buscou entender a dinâmica do profetismo Guarani, apresenta que este seria exatamente o inverso de um messianismo, pois proviria de conflitos e crises no interior da sociedade nativa e não

de fatores externos, como as crises desencadeadas pela conquista. Para esta autora, "todo o pensamento e prática religiosos dos índios gravitavam em torno da Terra sem Mal" (Clastres, 1978, p. 51).

Monteiro (1995, p. 482) afirma "[...] se o conflito entre chefe e profeta no período anterior à chegada dos europeus permanece obscuro, a oposição entre tipos de autoridade indígena manifesta-se plenamente no contexto da expansão espanhola e portuguesa para a bacia do Prata."

Com a chegada de colonizadores europeus, tais transformações foram registradas de forma escrita, principalmente por meio das Cartas Anuais dos Jesuítas, que permitem a análise deste fenômeno por localização geográfica. Embora tais documentos fossem elaborados por Jesuítas, que refletiam sua cultura e visão de mundo durante a escrita destes, tratam-se das únicas fontes primárias deste assunto. Além de tal aspecto da escrita, se deve analisar que a transcrição das mesmas, aqui utilizada, vem da obra de Jaime Cortesão, que pode também ter contaminado com a visão positivista de tal historiador.

No século XVII, a sociedade Guarani já havia vivenciado os primeiros contatos com o colonizador europeu, mas foi por meio do projeto de colonização dos Jesuítas que esta sociedade sofreu suas maiores transformações, conforme Monteiro, (1995):

Embora tenha afetado direta ou indiretamente a demografia, a distribuição espacial e a organização política de todos os povos da região, o processo de penetração colonial, em suas múltiplas facetas, atingiu de modo particular os Guarani, que sofreram profundas transformações decorrentes de práticas e políticas impostas pelos principais agentes da expansão europeia. (Monteiro, 1995, p.475).

Quando se leva o contexto da sociedade Guarani para uma associação ao contexto de colonização europeia, a análise das disputas entre as figuras centrais de poder da sociedade indígena do século XVII passa a ser vislumbrada sob nova ótica.

A figura do Jesuíta, assim como apropriou-se de elementos culturais e religiosos do indígena para evangelização, teve que lidar com estas diferentes figuras de poder para desenvolver seu trabalho. Monteiro (1995, p. 482) apresenta como se deu este processo de penetração dos Jesuítas no seio da sociedade indígena:

Contudo, além das disputas entre lideranças indígenas, ora colaboradores, ora opositores da penetração colonial, travava-se igualmente uma luta entre os líderes tradicionais e os novos karaí: pois foi este o termo que os Guarani elegeram para designar os forasteiros brancos.

Conforme Branco (2022), quando se transporta para o momento histórico que os grupos indígenas viviam no contexto sul-americano, percebe-se que principalmente na região platina, estes encontravam-se pressionados entre a *encomienda* ou a escravidão pelos bandeirantes.

Neste contexto, as lideranças nativas provavelmente consideraram os jesuítas como intermediários úteis nas relações com os agentes coloniais hispânicos, assim como importantes aliados contra os paulistas (Jackson, 2003).

Assim, “Se as lideranças indígenas exerceram importante papel na resistência, também mostraram-se indispensáveis enquanto colaboradores dos jesuítas, sobretudo no momento crítico do estabelecimento de reduções.” (Monteiro, 1995, p. 490). Cristo (2017, p. 102) afirma que:

As parcialidades Guarani tiveram distintas escolhas neste período de contato com os espanhóis, realizavam alianças com os missionários conforme suas necessidades, o que não fez com que estes sujeitos deixassem de praticar o ñande reko Guarani.

A penetração por parte dos Jesuítas em um determinado território necessitava da autorização das parcialidades indígenas, sem a qual o empreendimento estaria fadado ao fracasso.

Sobre estes acordos para implantação e mudanças de povoados, carta escrita pelo Padre Pedro Romero relata episódio no qual teve que convencer a parcialidade Quarae a trocar o local da Redução de Santa Teresa, conforme apresenta Cortesão (1969, p. 90):

Parti como v. R." me mandó a visitar a S.ta teresa y llegue a tam buen tiempo que con la gracia dei senor, efetue la mudanza dei pueblo y aunque estaba rehazia la parcialidad dei cazique Quarae por el amor de su tierra y por averle dicho que tambien tendria P.es alli, con todo la venci y desengane dziendoles como no avia tantos P.es que pudiessen ir a su tierra. con esto fueron volando y se dieron tan buena mana a hazer sus casas que antes que yo viniessi las tenian casi acabadas, con que queda ya aquello en forma de pueblo.

Os contatos para a fundação de novas Reduções por vezes partiam das próprias parcialidades indígenas. Tal afirmação quando relacionada as Reduções do Vale do Rio Pardo, pode ser apresentada no relato sobre a fundação da Redução de

Jesus-Maria, presente em Cortesão (1969, p. 89): “los deste Pueblo de Jesus M.a, sabiendo que el P.c venia a sus tierras, fueron muchos dellos con el Capitan y caziques a recebirle al camino llebandole sus presentes de mbocayiy.”.

No mesmo documento (Cortesão, 1969, p. 89), há outro relato deste desejo de instalação de Reduções, desta vez nas proximidades de Jesus-Maria:

Yendo a unos destes pueblos descubrió unos grandes montes donde dicen los Yndios que ay muchissima gente que reducir y en otras dos partes se van juntando muchos caziques con deseo de tener P.es los quales por mostrar mas su deseo an venido a este pueblo a visitados, trayendo les presentes de plumas muy vistosas de pasaros y otras cosillas de la tierra,

Percebe-se neste relato que o desejo da instalação de novos povoados parte de “caziques”, ou seja, das lideranças indígenas. Dentre os fatores que podem contribuir para explicar tal desejo, se pode citar a possibilidade de estabilidade alimentar que a fundação destes povoados poderia gerar às populações indígenas. Além de novas tecnologias, como o uso de ferramentas de metais, especialmente cunhas, a introdução de novas culturas, como o trigo, e de novos animais domésticos, especialmente ovelhas e vacas, eram capazes de trazer para estas populações uma segurança alimentar que não era possibilitada pela agricultura tradicional Guarani (Cortesão, 1969)

Apesar da ocupação de terras férteis, localizadas nas proximidades de cursos d'água, são comuns nos primeiros contatos os relatos de grandes fomes, ocasionadas por secas ou pragas, como ataques de ratões, gafanhotos e outros animais silvestres. Porto (1943, p. 149) relata este aspecto na Redução de Jesus-Maria na véspera do ataque bandeirante:

A Redução já tinha ali, por matrícula, com chácaras, mais de mil e seiscientos índios; porém, sendo povoado novo, e véspera de colheita, quando a *fome* costuma ser grande, quase todos fora de 200, estavam ausentes, buscando que comer, em seus povoados antigos, e pelos matos e rios.

Percebe-se que mesmo com a ampliação das fontes alimentares, tal situação ainda estava presente no ambiente reducional. Montoya (1985) acrescentava que as doenças, a fome, as rivalidades faccionais e a guerra intertribal como as principais atribulações da população aldeada em oito das reduções.

Em carta do Padre Pedro Romero, descrita em Cortesão (1969, p. 34-35), fica evidente o estado de pobreza das populações indígenas no período das Reduções:

Son estos Yndios pobres en extremo, pues no tienen para su vestido sino quatro plumas de passaros, con que cubren y tapan su empacho natural, y el mas rico y poderoso no tiene mas que un pellejo de venado por vestido y para su sustento a duras penas alcançan quatro espigas de maiz y quatro raices secas con que pasan su vida miserablemente.

Tal confirmação do estado de penúria vivido pelos indígenas também é verificado em relato do Padre Pedro Mola, quando adentra no território a leste do Rio Pardo (Caaguá) encontra indígenas para reduzir, porém não os pode deixar acompanhar pois:

[...] llegó al Caagua, donde la gente le recibió mui bien, y los ganó de manera, q todos se querian venir con el a nuestras red.on mas el P.e, considerando que todas estas red.on de la Sierra estan faltas de comida por la ruin cosecha q este ano passado ubo, les dixo q no era aun tiempo, q perecerian por aca de hambre, y q así se estubiessen por entonces en sus tierras. y aviendo dado varas a algunos Caciques, dio la buelta para su red.on. [...] (Corteseo, 1969, p.101)

Para tentar solucionar tal situação, os jesuítas introduziram os primeiros rebanhos de gado vacum em 1634, tendo recebido as Reduções do Vale do Rio Pardo suas primeiras cabeças, conforme apresentado por Porto (1943) que informa que o gado de São Joaquim é levado para Jesus-Maria, onde haviam excelentes pastagens. Também houve o fornecimento de cunhas de ferro, conforme apresenta Ribeiro *et al* (1976, p. 5): “Quanto a Jesus-Maria ainda se pode dizer que foi a mais importante da região e onde em maior abundância foram distribuídas cunhas de ferro”.

A provisão alimentar era elemento que garantia aos indígenas manterem-se nas Reduções, que sem tal provisão tinham a tendência de retornar para seus antigos aldeamentos e conseqüentemente ao modo de vida pagão vivido anteriormente. Anzolin (2023, p. 78) coloca: “os “infielles” poderiam tornar-se rapidamente parte dos “nuestros”, assim como aqueles que abandonavam as reduções, logo eram novamente enquadrados como bárbaros.”

Os períodos de cataclismas também ofereciam terreno fértil para as antigas lideranças espirituais dos Guaranis. “Favorecendo o desenvolvimento de estratégias migratórias e ameaçando a sobrevivência física e cultural dos Guarani, a penetração colonial teria conferido grande credibilidade à cataclismologia e ao discurso profético.” (Monteiro, 1995, p. 482).

Para Montova (1985, *apud* Monteiro, 1995, p. 488):

[...] o significado da redução residia na ruptura com um passado de mobilidade espacial, ausência de forte liderança e nudez. "Reduções chamamos aos povoados dos índios, que vivendo à sua antiga usança, em matos, serras e vales, em escondidos arroios, em três, quatro ou seis casas apenas, separados, uma, duas, três e mais léguas uns de outros, os reduziu a diligência dos padres a povoações grandes e a vida política e humana, a beneficiar algodão com que se vistam, porque comumente viviam em nudez, ainda sem cobrir o que a natureza ocultava.

Em um contexto de fome ou guerra, a liderança religiosa exercida pelo Pajés/Karaís tendia a fortalecer-se diante da liderança política dos caciques, pois estimulava o processo migratório dos Guaranis em busca da Terra sem males.

Se para o Pajé, o contato com os Jesuítas representava uma ruptura de seu papel social, para os Caciques tal contato representava uma continuidade, por meio das instituições sociais utilizadas nos novos povoados., conforme apresentado por Carvalho (2012, p. 27):

A análise do modo como os jesuítas promoviam lideranças indígenas e delegavam-lhes tarefas de gestão das comunidades permitiu compreender, [...] a apropriação que os índios fizeram, a seu modo, das instituições urbanas ibéricas de controle social e representação, como os *cabildos*" (Carvalho, 2012, p. 27).

Já para os Pajés o Projeto Jesuítico trazia outras implicações:

La consolidación del espacio misional tendió a radicalizar la distinción inicialmente ambigua entre liderazgo político y religioso, entre "caciques" y "hechiceros", colocando a los segundos en posición de inferioridad frente a los sacerdotes jesuitas, que pasaron a ser administradores exclusivos de lo sagrado (Wilde, 2016, p.98).

Na tentativa de retomada de sua influência diante das populações indígenas, estes "[...] não só prometiam levá-las à Terra sem Mal, como acenavam-lhes com a libertação do jugo jesuítico, a restauração de seus ritos e tradições e a volta de um tempo de abundância e esplendor". (Ribeiro, 1982, p. 223).

Esta disputa por influência espiritual teve um papel de destaque nos povoados recém fundados, e na maioria das vezes não teve resultados pacíficos.

Por parte dos Jesuítas, a tentativa de extirpação de tal influência do seio das comunidades foi feita por meio de castigos públicos ou da expulsão de Pajés e até mesmo Caciques que não se afastavam dos antigos costumes dos Guaranis. Tal ação está descrita na Carta do Padre Francisco Dias Taño, escrita da Redução de

Jesus-Maria falando do estado das Reduções, carta esta apresentada por Cortesão (196), p. 107):

Traté a los caciques y capitanes un dia a la tarde dei Remedio destas bellaquerias y en las doctrinas y sermones començamos a deshaçer sus mentiras, y les dixé q si ellos no ponian remedio o no se atrebian llamaria la gente de las otras Reduções. fueronse con aquello y a la manana les veo venir cargados de flechas y arcos y porras diçiendo q iban por el hechizero. alabeles el animo, fueron y cogieron tres bellacos semejantes en tres pueblecillos y el ybapiri se les escapo, supo el Cap.an Manue (sic) como avia ydo a un puebleçillo de un cacique de S.,a Ana y fue trás el y de hecho le manietó, pero como no le conoçia de vista le dixo nacheruay allá está en otro rancho desatame q yo te Uevare donde esta y metiendose al monte se les escapo, luego de alli a quatro dias tubieron noticia de otros dos y fueron por ellos y los cogieron tambien, hacia el capibari andaban otros dos tambien los cogimos. a todos los truxeron los indios bien açotados y manietados y aqui en el pueblo hicieron burla dellos, los muchachos llenaron de todo con q les vinieron a perder el miedo,[...]

Percebe-se pelo relato que os Jesuítas incitam “caciques e capitanes” a tomar providências quanto a atuação de “hechicero”. Nota-se que as lideranças políticas das Reduções partem para a captura dos feiticeiros, nome pelo qual os Jesuítas chamavam os pajés e Karaí, lideranças espirituais indígenas. Na parte final do texto o relato informa que os capturados foram trazidos “açotados e manietados”, ou seja, açoitados e amarrados, ressaltando o papel da humilhação pública para o descrédito da atuação das lideranças espirituais indígenas.

Além dos “feiticeiros”, a documentação Jesuítica apresenta também situações em que Caciques que não se adaptavam ao modelo jesuíticos sofreram castigos para seu enquadramento no novo modelo social. Em carta do Padre Francisco Ximenez sobre o Martírio do Padre Cristóval de Mendoza, apresentada em Cortesão (1969, p. 101-102), há o relato de indígena que havia fugido da Redução de São Miguel para o Ibiá, na região leste do Rio Pardo:

En el Ibia avia entre otros, un indio huidod e S. Miguel, llamado Tayubai, a quien el mismo P.e Xptoval de Mendonça ahora un ano avia procurado corregir y el no pudiendo sufrirlo, se huyó de nuestras red.cs y viendo tan buena ocasion ayudandose de un hechizero llamado Tayabaiba, y otros Caciques llamados Guinpi, Ñianduai, Tabeçaca, Yapepoyaca, y otros muchos conbocó un gran numero de gente de toda aquella tierra y diziendoles mucho mal dei P.e les persuadió q le matassen [...]

Apesar de não estar citado como Cacique no relato, o fato de estar aliado a um “feiticeiro” e outros Caciques revela seu papel de liderança junto aos indígenas, o que é confirmado por que Becker (1992), na obra intitulada “Lideranças Indígenas:

no começo das reduções jesuíticas da província do Paraguay”, refere-se à Tayubai como um Ycubicha (Cacique). Cristo (2017, p. 73) afirma sobre Tayubai: “compreendemos que a atitude de Tayubai está relacionado com o ñande rekõ Guarani, ou seja, ele reage aos ensinamentos dos padres, pois são contrários aos saberes recebidos ao longo da vida.

Monteiro (1995, p. 489), afirma que “Os pontos de atrito entre chefes e jesuítas também eram muitos. A repressão da poligamia nas Missões, por exemplo, em mais de uma ocasião foi motivo de protestos e mesmo de atos rebeldes em oposição aos padres.”.

A ação dos Jesuítas também resultava em um processo de reação por parte de Pajés e Karáí indígenas. Monteiro apresenta tal processo:

Estes conflitos eclodiam, em diversas ocasiões, em rebeliões abertas contra a autoridade dos jesuítas. Fortemente marcados por aquilo que [...] chama de "paganismo renascente", os episódios de protesto e de rebeldia coletiva nas missões são indicativos da dimensão política das relações entre jesuítas e Guarani, sobretudo nos anos formativos das missões. (Monteiro, 1995, p. 489)

As correspondências Jesuítas apresentam muitas informações sobre tais ocorrências, por vezes resultando em martírios de Padres, como nos casos de Roque González e Cristóval de Mendoza. Tais ações eram orquestradas por feiticeiros, que não aceitavam a dominação dos Jesuítas sobre suas terras e a implantação de um novo modo de vida.

Por estarem situadas em região de fronteira, as Reduções do Vale do Rio Pardo passaram por grandes processos de contato entre as lideranças espirituais indígenas tentando regressar o seu povo para o antigo modo de vida, chegando ao ponto de estarem nas Reduções ou em suas proximidades.

Tal contato com as Reduções é apresentado em carta do Padre Francisco Dias Taño que apresentava o estado das Reduções do Vale do Rio Pardo, Carta esta publicada em Cortasão (1969, p. 106):

[...] preguntando un día a los yndios q donde estavan y q era la causa de perderse sus casas me dixerón q unos yeroquihas q andaban por los tetaminis los enganaban diciendo q este pueblo se avia de destruir y q predicaban contra nosotros haçiendo burla de lo que ensinabamos y deçian q ellos eran dioses y criaban los maisales y comida y eran senores de las fantasmas de los montes de los itaquiçeyas y de los ybitipos y que los tigres andaban a su voluntad y mataban a los q ellos querian y q los Primeros q avian de Pereçer avian de ser los baqueros y ybirapondaras y los q se

haçian Xpianos v q los q trabajavan en el pueblo se les avia de perder las comidas [...]

Percebe-se no relato que yeroquihas estavam visitando a região das Reduções, evocando seu suposto poder espiritual com base nas forças da natureza para amedrontar os indígenas reduzidos, que por este motivo estavam abandonando suas casas.

Santos (1993) oferece uma descrição da figura dos Yeroquihas e seu papel na resistência cultural e religiosa dos Guaranis:

Para incrementar la fuga de los pueblos son enviados los yirokyhára (el que guia la danza). Estos chamanes danzadores son los auténticos activadores de la resistencia sociorreligiosa, en la medida em que su presencia y su acción sintetizan el significado más intenso de la reacción religiosa [...] los yirokyhára, los apiçayré, además de los setecientos guerreiros, rescataban mitos y tradiciones guaranies [...] (Santos, 1993, p. 251)

Além do contato direto realizado no seio das Reduções, a resistência das lideranças religiosas Guaranis também alcançou o conflito armado com objetivo de eliminar o projeto jesuítico da região e evitar sua futura expansão. Após a morte do Padre Cristóval de Mendoza e subsequente expedição para resgate de seus restos mortais, as Reduções do Vale do Rio Pardo vivenciaram um grande movimento visando sua destruição e consequente expulsão dos Padres. Tal movimento ficou conhecido na historiografia como a “Junta dos feiticeiros” e é assim descrito por Porto (1943, p. 118): “Convocadas pelos feiticeiros e caciques principais da serra, reuniram-se as Juntas das aldeias de toda a região. E nelas ficou assentado se congressassem todos os índios para destruir as reduções do Tape e matar os Padres que nelas assistiam.”.

Sobre a organização de tal ataque sabe-se que o capitão da Redução de São Joaquim, disfarçou-se e conseguiu entrar no reduto dos “feiticeiros”, trazendo notícias do grande perigo que corriam as Reduções da região, conforme carta do Padre Francisco Dias Taño que apresentava o estado das Reduções do Vale do Rio Pardo, Carta esta publicada em Cortesão (1969, p. 108):

[...] aviendo tenido notiçia desto el cap." Antoni supo como alli cerca estaba el hechiçero cogido y en el camino encontro al cap.n de S. loachin ariya q venia de su pueblo junto al tayaçuape el qual le contó todo lo q pasaba de vistas de ojos y como se avia disfarçado y desnudado y ydo a ver lo q avia para darnos notiçia dello, y vió como se comian los muchachos y como trataban de dar a un mismo tiempo en estas tres Reduções: S. Xpval, S.

loachin y aqui, para q no se pudiese dar la una a la otra y tenian traçado coger los camins para q no pasasen cartas ningunas adelante;

Tal informação é reiterada por um “feiticeiro” feito prisioneiro pelos indígenas das Reduções do Vale do Rio Pardo e conduzido à Redução de Santa Ana:

[...] me contó todo lo q tengo referido como lo avia dicho el cap.n Ariya de S. loachin y q era verdad de q querian dar sobre estos tres pueblos y q los autores eran yeguacaporu y aguarobi y chemboabaete mus ensignes de los luçitanos y q traian consigo un muchacho gran dançador con um colete de anta q era el (q los afervoriçaba y q se diçia q este muchacho era hijo de los Portugueses aunq era indio. debe de ser algun mestiçuelo hijo de alguna india de yeguacaporu. (Cortesão, 1969, p. 109)

Diante de tal ameaça, organizam a resistênciã os Caciques e capitães das Reduções. Tal iniciativa e informada por Porto (1943, p. 119):

Foi quando, por iniciativa própria, resolveram alguns capitães dos Povos, fiéis aos princípios cristãos, tomar providência para coibir esse mal que daria cabo de todo o trabalho de catequese dos Jesuítas. Reunidos os índios, armados em guerra, e cobertos de plumas, como era usual nas guerras, foram, tendo seus capitães à frente, dar caça aos hieroquiaras, que eram os promotores daquela desordem.

Os relatos deste confronto são apresentados por Cortesão (1969, p. 111):

[...] llegaron a la junta donde hallaron una paliçada bien fuerte y las casas dentro bien grandes y los bellacos con el hecho antecendente sabiendo como iban nros hijos temieron y dejaron la paliçada y començaron a huir. fueron en sus alcançes nros hijos, puestos en tres hileras y en el alcançe el un cuerno de la una hilera dio con la fuerça de la gente y ubo alguna escaramuça, el Cap." de S. Xpval guirarague le ubieran muerto si el cap." manoe no le socorriera matando el bellaco. Outro eaciq de S. Xpval llamado caaobi como era forçudo se atrebió a echar mano a un yndiaso de los bellacos y al tiempo dei herva? osotro le rindió ali y le tenia ahogando apretandole la garganta. Acudió el cap." tapayu de S.ta Ana y mató al bellaco. a otro caciq de aqui le dieron un porraço de q le derribaron pero antes q lematase n los nros mataron al q le avia dado. con esto libraron a los tres y los bellacos viendo muertos a sus cabeças y valentejos començaron a huir y los nro tras ellos. mataron a muchos y entre ellos al hechiçero q los guiaba llamado guiraçu y a una viexa gran hechiçera q les avia enganado a los bellacos.

A vitória das tropas defensoras das Reduções consegue assegurar a continuidade do Projeto dos padres, já que as lideranças espirituais indígenas representadas pelos Pajés afastam-se da proximidade das Reduções, ou ao menos o registro de sua presença passa a ser relegado ao um segundo plano diante de uma ameaça maior: a Bandeira paulista de Raposo Tavares.

### 3 METODOLOGIA

O presente trabalho busca, por meio de uma revisão bibliográfica, utilizando-se de obras referentes a etnografia, cultura e os principais aspectos do processo de formação das Reduções Jesuíticas, especialmente do Tape. Tal análise buscará, sempre que possível utilizar das fontes primárias do recorte temporal (século XVII) e territorial (Vale do Rio Pardo/RS), fontes estas presentes nas obras de Cortesão (1969) e Porto (1943).

O material será tratado sobre uma abordagem dialética, tratando de forma a totalizar em uma realidade ampla todos os dados analisados.

O procedimento de tratamento destes dados ocorrerá de forma estruturalista, visando a análise dos fatos concretos ocorridos no contexto histórico em questão visando a construção e o entendimento do modelo social e cultural onde estes ocorreram.

Com base nesta análise metodológica, o presente trabalho buscará responder ao seguinte questionamento: Possíveis transformações sociais internas na sociedade indígena do século XVII serviram como facilitadores ou dificultadores para o processo de expansão de fronteiras dos Jesuítas na região do Vale do Rio Pardo?

Por meio da análise de registros realizados pelos Jesuítas da Companhia de Jesus, poderá se afirmar: as transformações sociais internas da sociedade indígena tiveram papel significativo nas atividades do estabelecimento de uma região de fronteira no Vale do rio Pardo no Século XVII.

## 4 APRESENTAÇÃO DA PESQUISA E ANÁLISE DOS RESULTADOS

A região do Vale do Rio Pardo/RS no século XVII viveu uma intensa transformação no contexto de expansão colonial, que envolveu o estabelecimento de novas fronteiras, sujeitando as populações indígenas a participarem de processos de ruptura com o seu modo de vida primitivo. Porém tal ruptura representou também que estas populações também se tornaram agentes de seus próprios destinos, por meio de estabelecimento de relações de acordo com a sua necessidade.

Os diferentes atores envolvidos necessitaram tecer suas relações, de forma a utilizar de intensas trocas sociais e culturais, buscando a prevalência de seus projetos individuais em um contexto totalista.

Desta forma, o presente trabalho, focará em analisar todos os contextos envolvendo as interações entre Indígenas e Jesuítas na implantação das Reduções do Vale do Rio Pardo no século XVII.

### 4.1 Território do Tape e constituição das Reduções do Vale do Rio Pardo

O território sul-americano, especialmente da região platina, sofreu com a negligência dos governantes, que não viam nesta região um local com atrativos para estabelecimento de novas povoações. Tal visão sofre mudanças apenas após a descoberta de uma nova fonte de riqueza: a prata de Potosí.

A necessidade de garantir rota de escoamento desta riqueza por via hidroviária leva a fundação de novos povoados, Buenos Aires e Assunção. Embora tal região, por força do Tratado de Tordesilhas, pertencesse a Coroa Espanhola, os constantes avanços para lestes dos portugueses, especialmente de São Paulo, começam a gerar a preocupação dos espanhóis quanto à manutenção deste território.

Neste momento histórico que a figura dos padres jesuítas da Companhia de Jesus assume o papel de garantidores do *Uti possidetis*. Tal aspecto, abordado por autores como Schallenberger (1997) e Felipetto (2022), garante a participação desta Ordem Religiosa no campo político da região, agora com total apoio da Coroa Espanhola.

A formação de diversas Províncias Jesuíticas, com a instalação de Reduções, garantiu a posse de um território sob constante pressão, ao mesmo tempo que afastava os indígenas do sistema de *encomiendas* espanhol.

Neste aspecto é importante a análise do ponto de vista do sujeito indígena, que se encontrava sob uma dupla pressão: a servidão na encomienda espanhola ou a escravidão na mão dos paulistas de São Paula de Piratininga. Em meio a ambos, a Redução Jesuítica criava um cenário capaz de manter alguma forma de autonomia para estas populações.

Mesmo assim, a instalação de tais povoados apresentava um cenário complexo, sendo necessária a negociação com as parciais indígenas para que tal empreendimento lograsse êxito. Tal fato é narrado por De Moura (2009), que relata que o Padre Roque González necessitou de um período de 11 anos para transpor em definitivo o Rio Uruguai e implantar a primeira Redução do Tape. Talvez um facilitador de tal implantação foi o fato de que o território era habitado em sua maior parte pela etnia Guarani, mais afeita aos contatos com os colonizadores, especialmente Jesuítas. Uma hipótese para tal facilidade pode advir do mito Guarani do Pai Sumé, figura cultural que se assemelhava a figura do colonizador Jesuíta. A comprovação da mesma demandaria estudos mais aprofundados, principalmente na área da antropologia.

Uma vez iniciado o processo de colonização do Tape, a expansão destes povoados, partindo do Oeste rumo ao Leste, atingiu o território de análise do presente estudo: o Vale do Rio Pardo. No século XVII, tal região era habitada por indígenas, conforme confirmado por estudos arqueológicos, da tradição ceramista Guarani.

Os jesuítas realizaram a fundação de três Reduções no Vale do Rio Pardo: São Joaquim, nas cabeceiras deste, Jesus-Maria, logo após o fim da serra e São Cristovão, de frente a foz do Rio Pardinho. As análises realizadas deixam uma dúvida histórica quanto a localização de Jesus-Maria e São Cristovão: diversos mapas invertem a ordem entre ambas, colocando São Cristovão junto ao Ibitycaraí e Jesus-Maria de frente a foz do Iequi-mini. Para tentar a confirmação de suas localizações, consideraremos os estudos de Ribeiro (1976), que escavou o sítio arqueológico indicado como Jesus-Maria, bem como sua nomenclatura em documentação (Taunay, Porto e Cortesão), tanto jesuítica, quanto bandeirante: Jesus-Maria de Ibitycaraíba.

A fundação de tais povoados foi resultado da vontade indígenas, representada pelos Caciques, que solicitam a fundação dos povoados em suas terras. Sobre tais Reduções há importantes relatos nas obras de Porto (1943) e Cortesão (1969), que abrangem também sua destruição frente a Bandeira do paulista Raposo Tavares, a qual não nos aprofundaremos, visto que não é finalidade do presente estudo.

#### **4.2 Vale do Rio Pardo e seu papel no contexto da fronteira do século XVII**

O vale do Rio Pardo apresentou-se como uma fronteira no processo de expansão colonial do século XVII. A consolidação da posse do território garantida por estes povoados gerava também uma perspectiva de defesa por parte de seus moradores.

A localização dos povoados a oeste do Rio Pardo ressalta seu papel como linha defensiva e fronteira geográfica do novo território. Esta análise ainda carece de mais aprofundamento, para definição do Rio Pardo como sendo esta fronteira, ou o seu afluente, o Rio Pardinho. Tal dúvida surge diante de dois fatos: a presença de cunhas de ferro em sítios arqueológicos situados a leste do Rio Pardo (Ribeiro, 1976) e os relatos do combate dos Indígenas das Reduções frente a junta dos feiticeiros, documentados por Cortesão (1969) e Porto (1943).

Se por um lado a fronteira geográfica tende a obedecer a um limite mais ou menos fixo, a fronteira cultural é caracterizada pela sua porosidade e pelas trocas nela realizadas. Neste sentido, o Vale do Rio Pardo certamente representou importante fronteira cultural: se de um lado estava o modo de vida europeu implantado pelos colonizadores, gerando seus efeitos na cultura material dos indígenas (Cerâmica fase Reduções), do outro os Pajés e Karaí mantinham o modo de vida ancestral Guarani, havendo trocas entre ambos os modelos culturais.

Quando analisamos os trabalhos arqueológicos realizados por Ribeiro (1976) no sítio de Jesus-Maria, percebe-se que as populações das Reduções possuem um cenário de trocas realizadas em um grande espaço territorial, conforme comprovado pelas conchas marinhas e cerâmica da Tradição Taquara encontrada no local.

Embora não se possa afirmar com certeza que ocorriam trocas comerciais com indígenas de outras regiões, a utilização do Taiaçuapé – caminho do porco do mato - pelo invasor Bandeirante, garante a existência de amplas redes de caminhos

que permitiam o deslocamento dos indígenas por vários territórios para além da fronteira física do ambiente reducional.

### **4.3 Atores sob a ótica de mudanças na sociedade do Tape no século XVII**

A sociedade do Tape no século XVII estava passando por um processo de transformação muito acelerada diante da pressão colonial pela posse de novos territórios.

A velocidade desta transformação pode ser representada pela troca de uma civilização horticultora para o modelo de sociedade colonial europeia da época.

Neste sentido, cabe ao historiador analisar os sujeitos sociais que passavam por este processo de transformação, sejam eles europeus ou indígenas.

Embora a etimologia Guarani apresente diferentes nomenclaturas para os seus chefes políticos e militares, pela incorporação do termo à cultura reducional, será utilizado o termo Cacique para referir-se a esta liderança, que possuía características comuns independente do território onde exercia seu papel: era a pessoa cuja nobreza era herdada dos seus antepassados e cujo papel era tomar as decisões inerente à sua comunidade, conforme apresentado por Montoya (1997) e Cristo (2017).

Tal liderança foi bastante impactada pelo contato com os Jesuítas. Se por um lado a estrutura reducional manteve seu papel de liderança dentro da comunidade, por outro, este teve que ceder em diversas práticas do modo de vida Guarani, especialmente à poligamia e o uso de vestimentas (Souza e Baptista, 2015).

Se para o Cacique a mudança de modo de vida foi enorme, para as lideranças espirituais dos Guaranis, os Paye e Karaí, o contato com o Jesuíta praticamente extinguiu seu poder dentro dos povoados, tornando estas figuras verdadeiras párias da nova sociedade implantando junto aos Indígenas. As práticas rituais realizadas por estes foram extirpadas dos novos povoados e os antigos Pajés passavam a viver o dilema de abdicar de sua influência social ou viverem fora dos povoados. Além disto, estas lideranças passaram a ser nominadas por “Feiticeiros” por parte dos Padres Jesuítas (Cristo, 2017).

O agente transformador mais influente da sociedade do Tape foi o Padre Jesuíta. Além de trazer sua influência europeia, este sujeito social também apropriou-se de elementos da cultura indígena para facilitar seu processo de

cristianização das populações (Fontella, 2017). Assim, por parte dos indígenas estes novos líderes espirituais foram nominados de novos Payes (Sposito, 2019).

Podemos apresentar neste ponto, que o Jesuíta soube apropriar-se de seu novo papel frente os Indígenas, por vezes proibindo práticas ancestrais, por outra cedendo, especialmente no que tange ao uso da erva mate.

Se por um lado o avanço dos Jesuítas representava um contato com o modelo de governo espanhol, nos territórios situados ao leste, o contato dos grupos indígenas ocorreu com os Portugueses, resultando em uma nova figura social: os Mus. Muito se diverge quanto à esta figura, porém em linhas gerais, estes eram mestiços entre indígenas e portugueses, que atuavam como escravizadores e comerciantes de indígenas escravizados.

Sobre estas figuras, pode-se realizar uma análise ambígua: sendo comerciantes de indígenas, além de fornecer escravizados para os portugueses de São Paulo, conforme registros (Garcia, 2010), houveram Mus que tentaram barganhar com Jesuítas o encaminhamento de nações indígenas para serem aldeadas por estes.

Também carecem de maiores análises a participação destes como facilitadores do processo de invasão das bandeiras paulistas ao Tape. Se os “feiticeiros” foram ferozmente combatidos pelos Jesuítas, os Mus também sofreram perseguições de modo a afastar-se do espaço reducional.

#### **4.4 Rupturas na sociedade indígena: causas e impactos**

As sociedades indígenas, por vezes, têm sua análise realizada sob a visão de uma história europeizante, que não analisa imparcialmente os seus aspectos sociais e culturais próprios. Tal abordagem faz com que estas sociedades não sejam vistas como sujeitos ativos de suas próprias histórias e construtores de suas próprias estruturas sociais.

O principal aspecto da sociedade indígena, que já vivenciava um processo de transformação, antes mesmo da chegada dos europeus, era inerente a suas lideranças, conforme apontado por Monteiro (1995).

Neste aspecto, o profetismo Guarani, representado pela Terra sem males, apresentava-se como instrumento social de interação dos Pajés com suas

populações. Tal mito era inerente as crises internas da sociedade Guarani e não do resultado das crises desencadeadas pela conquista (Clastres, 1978).

Neste sentido, a figura do Jesuíta entra como um elemento externo a esta disputa pré-existente. Como já apontado, o Jesuíta apropriou-se de elementos culturais indígenas para facilitar a fundação de seus povoados. Valendo-se dessa disputa, tal figura utilizou-se do papel destacado dos caciques para manutenção de seus povoados, inserindo-os na sua estrutura política, conforme descrito por Monteiro (1995) e Cristo (2017).

Tal aliança, que mantinha a estrutura de poder, embora aparente, do cacicado apresentava-se como uma possibilidade de manutenção social para o Cacique, que nos novos povoados não enfrentava a concorrência da liderança espiritual dos Pajés.

Além disto, os novos povoados, possuíam, por meio de implantação de novas fontes de alimentos, como trigo e rebanhos de ovelha e gado vacum, uma estabilidade alimentar que não era possível nas aldeias primitivas, cujos plantios eram muito suscetíveis às mudanças climáticas ou pragas.

Trazendo tal aspecto para o já apontado messianismo Guarani, diante dos cataclismas, especialmente da fome e das doenças, o Pajé encontrava terreno fértil para sua pregação sobre a Terra sem males e sua conseqüente busca pelos indígenas, o que resultava em migração e esvaziamento das aldeias. Conseqüentemente, sem aldeia, o Cacique não possuía seu poder de governo e também sua autoridade social.

Ao relacionar tal análise com o Vale do Rio Pardo, muitas são as citações nos relatos dos Jesuítas que apontam para um cenário de penúria e fome no século XVII. Além das Reduções de Jesus-Maria e São Joaquim, a fome é relatada também na região do Caaguá, que ficava a leste do Rio Pardo.

Tal situação resultou em medidas por parte dos Jesuítas, como a implantação de rebanhos nas reduções, conforme apresentado por Porto (1943). Além disto, o fornecimento de cunhas de metal, substitutas dos machados de pedra polida tinha como função maximizar a produção de alimentos, eliminando o fantasma da fome da região.

Percebe-se que o Jesuíta tinha pleno conhecimento dos efeitos da fome sobre as populações recém aldeadas, que não hesitava em retornar para os antigos povoados ou adentrar nos matos e serras quando a fome surgia.

Se os efeitos da fome eram capazes de estimular migrações em busca da Terra sem males, seria viável a análise de que os Pajés tinham sua atuação dificultada pela relativa estabilidade alimentar das Reduções. Por outro lado, o Cacique mantinha seu papel de liderança, antagonismo apresentado por Wilde (2016).

Assim, a tentativa de manutenção de poder levava os caciques a ofertarem amplo apoio aos Jesuítas, o que pode explicar a forte reação ocorrida após a morte do Padre Cristóval de Mendoza e também frente a Junta dos Feiticeiros, que ameaçava destruir os povoados da região. Os relatos dos Jesuítas apontam que estes eram avessos a vingança, porém não conseguiam evitar o chacinamento dos matadores do Padre Cristóval, nem as atitudes de vingança frente a Feiticeiros presos e levados aos povoados. Não podemos realizar análise imparcial sem citar também a incitação dos Jesuítas aos Caciques quanto a tomada de providências em relação à feiticeiros (Cortesão, 1969, p. 107).

Este aspecto de disputa pode ser utilizado na reação dos Pajés às penetrações de Jesuítas para novos territórios, visto que estes já haviam sido realocados de seus povoados originais, e novamente corriam risco de perder sua autoridade religiosa perante um novo avanço da fronteira colonial (Monteiro, 1995).

A documentação primária da época, representada pelas cartas dos Jesuítas, apresenta diversas informações sobre os complexos processos sociais, porém não se pode esquecer que tal escrita foi realizada sob um olhar europeu, que muitas vezes não compreendia com exatidão os processos culturais e sociais envolvidos nas dinâmicas indígenas.

Diante da análise realizada, dos complexos processos e dinâmicas apontados, por vezes de forma indireta, nesta documentação, a hipótese de que as rupturas internas ocorridas na sociedade indígena no âmbito da disputa entre Caciques e Pajés, serviram como facilitadores da implantação das Reduções no Vale do Rio Pardo apresenta-se como plausível de uma confirmação, se não definitiva, ao menos interpretativa. Os Jesuítas, ao que tudo indica, aproveitaram-se desta disputa para consolidar sua influência nos novos territórios colonizados em prol da Coroa Espanhola.

Tal análise não se constitua de algo definitivo, pois a antropologia pode ajudar a contar histórias não escritas pela História Tradicional, ainda pode em novas análises apresentar fatos até então não verificados nos estudos realizados.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do processo de estabelecimento de das Reduções Jesuíticas do Vale do Rio Pardo no século XVII, não pode deixar de lado a análise dos diferentes sujeitos sociais presentes neste processo, bem como dos mecanismos e dinâmicas sociais envolvidas na criação destes povoados.

Analisando as fontes primárias disponíveis, constituídas de cartas escritas pelos Jesuítas e publicadas por Cortesão (1969), foi possível vislumbrar diversas transformações que a sociedade indígena, em especial do território abordado passaram diante do processo de colonização.

As transformações pelos quais a região passava colocaram os indígenas sob pressão de dois Impérios Coloniais: de um lado a encomienda do modelo colonial espanhol e do outro o apresamento e escravidão perpetrada pelos portugueses estabelecidos em São Paulo. Sob esta pressão a escolha do modelo de Reduções proposta pelos Jesuítas oferecia uma forma de salvaguardar sua liberdade e autonomia, ao menos em alguns aspectos.

O estabelecimento destes Povoados coloniais serviu como consolidador do Vale do Rio Pardo como região de fronteira, que além de fronteira geográfica, serviu majoritariamente como fronteira cultural. Não foi possível concluir se a fronteira geográfica era definida pelo Rio Pardo, ou se esta avançava até o Rio Pardinho, seu principal afluente.

Mais do que algo estático, tal fronteira representou ao longo de sua existência um espaço de tensão entre seus atores, mas acima disto uma região de constantes relações, sempre tendo os Indígenas como sujeitos históricos atuantes e capazes de fazerem escolhas que impactaram na sua realidade social.

Quando se fala destas relações, é importante questionar quem foi mais influenciado: o Jesuíta que se apropriou de hábitos culturais do indígena, ou o indígena que incorporou os modos sociais e culturais europeus em sua existência.

Enquanto espaço de troca, as análises indicam a existência de redes de caminhos que possibilitavam contatos com outros territórios, como o Taiaçuapé e a picada aberta para ligar Jesus-Maria e São Joaquim, assim como vestígios materiais encontrados em estudos arqueológicos, como conchas marítimas e cerâmica da tradição Taquara. Assim, é possível ao menos do ponto de vista teórico, vislumbrar um ambiente móvel e trocas.

Por tratar-se de uma análise de perspectiva, é inviável uma resposta consolidada sobre o papel representado nesta influência.

No contexto do contato colonial, diversos sujeitos sociais ressignificaram seus papéis de forma a adequar-se ao novo contexto regional: Caiques, Pajés, Mus, todos se realocaram neste novo espaço social, tentando ser possuidor de vontade própria.

Mas um aspecto por vezes negligenciado em outras análises, é o fato de que a sociedade indígena já vivenciava transformações internas antes mesmo da chegada dos colonizadores, sendo que estes souberam utilizar tais transformações para ocuparem seu papel.

Quando trazido para a sociedade Guarani, tais transformações remetem a sua mitologia da busca da Terra sem males, espécie de paraíso terreno, instigada sempre que haviam períodos de fome, peste ou guerras.

Assim, Caciques e Pajés tomaram seus espaços no contexto reducional, os primeiros como aliados dos Jesuítas e os segundos como seus opositores. Enquanto os caciques conseguiram, ao menos de forma aparente, conservar sua autoridade, os Pajés tiveram sua autoridade religiosa desacreditada pela nova crença implantada pelos Jesuítas.

Além dos aspectos relacionados ao poder, o ambiente reducional trouxe transformações que impactaram na estabilidade alimentar dos indígenas, como a implantação de novas culturas agrícolas e animais domésticos, o que impactou também na pregação da busca de uma Terra de fartura que retirava os indígenas das aldeias e da autoridade do Cacique para submissão à autoridade religiosa do Pajé.

Embora não se possa afirmar de forma definitiva, são grandes as chances de que o processo de transformação social resultante de disputas internas entre Caciques e Pajés serviu como facilitador do processo de implantação das Reduções da região, levando em conta análises empíricas de aspectos como a fome, o profetismo Guarani e os papéis de liderança dos atores envolvidos.

## REFERÊNCIAS

ACIOLI, Socorro. **Fundação Casa Grande: comunicação para a educação**. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2002

AGNOLIN, Adone. **Jesuítas e Tupi: o encontro sacramental e ritual dos séculos XVI-XVII**. Revista de História, n. 154, p. 71-118, 2006.

ALVIM, Davis Moreira. **A colônia imaginada: Anchieta e as metamorfoses do imaginário medieval na América portuguesa (1534-1597)**. 137 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História. Vitória, 2004.

ANZOLIN, André Soares. **Inimigos da fé: martírio, feitiçaria e canibalismo nas “fronteiras” do Tape (década de 1630)**. Tempos Históricos, v. 27, n. 1, p. 74-95, 2023.

BAPTISTA, Jean Tiago. **O Temporal: sociedades e espaços missionais**. 2. ed. v. 1. Brasília: IBRAM, 2015.

BARTH, Fredrik. **Os grupos étnicos e suas fronteiras**. In: \_\_\_\_\_. O guru, o iniciador e outras variações antropológicas. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, [1969], 2000a. p. 25-68.

BECKER, Bertha Koiffmann. **Significância contemporânea da fronteira: uma interpretação geopolítica a partir da Amazônia Brasileira**. In: AUBERTIN, Catherine. (org.). Fronteiras. Brasília: Editora UnB, 1988, p. 60-89.

BECKER, Ítala Irene Basile. **Lideranças Indígenas: no começo das reduções jesuíticas da província do Paraguai**. Documento. Antropologia 47. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, 1992.

BRANCO, Bruno Oliveira Castelo; OLIVEIRA, Bruno. **Fronteiras sobrepostas: as categorias de trabalho guarani na conquista e colonização da América Meridional (1541-1641)**. Tese (doutorado)-Universidade Federal Fluminense, Instituto de História, Niterói, 2022.

BRANDÃO, Renato Pereira. **A Demarcação da Raia Divisória do Tratado de Tordesilhas ea Devolução de Sacramento pelo Tratado Provisional de 1681: complexidades cartográficas e geopolíticas**. Anais do XXIX Simpósio Nacional de História. Brasília [em linha]. 2017.

BRAUDEL, Fernand. **A identidade da França**. Rio de Janeiro: Globo, 1989.

BRUXEL, Arnaldo. **Os trinta povos Guaranis**. 2ª. Ed. Porto Alegre: EST/NOVA DIMENSÃO, 1987.

CAMARGO, Fernando. **As missões orientais do Uruguai: do Tratado de Madri ao Tratado de Santo Ildefonso**. In: I Congreso de Relaciones Internacionales (La Plata, 2002). 2002.

CARDOSO, Olímpio Rafael. et al. **Análise de fragilidade ambiental na bacia do rio Pardo-RS, frente à instalação de pequenas centrais hidrelétricas (PCHs).** Revista Brasileira de Recursos Hídricos, v. 20, n. 2, p. 507-522, 2015.

CARVALHO, Francismar Alex Lopes de. **Lealdades negociadas: povos indígenas e a expansão dos Impérios Ibéricos nas regiões centrais da América do Sul (Segunda metade do século XVIII).** 595f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Econômica, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo: 2012.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. Xamanismo e sacrifício. In: CASTRO, Eduardo Viveiros de. **A Inconstância da Alma Selvagem: e outros ensaios de antropologia.** São Paulo: Cosac & Naify, 2002b, p. 457-472.

CAVALCANTE, Thiago Leandro Vieira. **Tomé: o apóstolo da América. Índios e Jesuítas em uma história de apropriações e ressignificações.** Dourados, MS:UFGD, 2009. 200p.

CHIOGNA, Arianne Miron; DE MOURA, Gabriele Rodrigues. **Avante Guerreiros! as Batalhas de Caaçapaguçu e M'bororé (1639 e 1641).** Revista Historiador, 2011, 4.

CLASTRES, Hélène. **Terra sem Mal: O profetismo tupiguarani.** São Paulo: Brasiliense, 1ª ed. Paris, 1978.

CORRÊA, Roberto Lobato (org.). **Geografia: conceitos e temas.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. p. 109–130

CORTESÃO, Jaime. **Jesuítas e bandeirantes no Tape (1615–1641).** Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1969. (Manuscritos da coleção de De Angelis)

COSTA, Luiz Eloy Terena. **Direitos indígenas e a luta por autodeterminação.** São Paulo: Editora Jandaíra, 2021.

COURLET, Beatriz Azevedo. **Identidades em uma zona de fronteira: a região do prata no período colonial.** In: Anais da II Jornada de História Regional Comparada, 2005.

CUNHA, Manuela Carneiro da (org.). **História dos índios no Brasil.** 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CRISTO, Tuani de. **Historicidade e fronteiras culturais entre Guarani e Jesuítas em territórios da província do Tape (1626-1638).** Trabalho de Conclusão de Curso (História) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2017.

DE MOURA, Gabriele Rodrigues. **A representação em conquista espiritual sobre a invasão e a destruição da Província do Tape.** *Revista Historiador*, n. 2, 2009.

FELIPETTO, Felipe Vieira. **Territorialidades do sagrado: os jesuítas na Província do Paraguai e nas reduções do Guairá no início do século XVII.** Tese (doutorado

em História) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História. Defesa: Curitiba, 2022.

FERNANDES, Fernando Roque. **Territorialidades coloniais: agentes internos e externos na conformação das fronteiras amazônicas (século XVII)**. Revista Canoa do Tempo, v. 11, n. 01, p. 78-103, 2019.

FLECK, Elaine Cristina Deckmann. **Sentir, adoecer e morrer: sensibilidade e devoção no discurso missionário jesuítico do século XVII**. 1999. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

FONTELLA, Cristiane. **Das práticas religiosas aos processos de escolarização: o papel da Igreja nas Missões Jesuíticas Guarani (1680–1750)**. 2017. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

FURTADO, Júnia Ferreira; BARCELOS, Artur Henrique. **O Terrarum S. Michaelis do padre Tadeu Henis: um mapa missionário e seus cartógrafos Guarani**. Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material, v. 32, p. e36, 2024.

GARCIA, Elisa Frühauf. **Identidades e Políticas Coloniais: guaranis, índios infieis, portugueses e espanhóis no Rio da Prata, c. 1750-1800**. Anos 90: Revista do Programa de Pós-Graduação em História, v. 18, n. 34, p. 55-76, 2011.

GOLIN, Tau. **A Província Jesuítica do Paraguai, a Guerra Guaranítica e a destruição do espaço jesuítico-missionário**. In: RADIN, José Carlos; VALENTINI, Delmir; ZARTH, Paulo A. (org.). *História da Fronteira Sul*. Chapecó: Ed. UFFS, 2016. p. 146–166.

GRUZINSKI, Serge. **El pensamiento mestizo**. Buenos Aires, Paidós Ibérica, 2000.

GUTIERREZ, Ramón. **As Missões Jesuíticas dos Guaranis**. Rio de Janeiro: Unesco, 1987.

HAESBAERT, Rogério. **Identidades territoriais: entre a multiterritorialidade e a reclusão territorial (ou: do hibridismo cultural à essencialização das identidades)**. **Identidades e territórios: questões e olhares contemporâneos**. Rio de Janeiro: Access, p. 33-56, 2007.

HEINSFELD, Adelar. **A fronteira: historicidade e conceitualização**. In: RADIN, José Carlos; VALENTINI, Delmir; ZARTH, Paulo A. (org.). *História da Fronteira Sul*. Chapecó: Ed. UFFS, 2016. p. 25–45.

JACKSON, Robert H. **Missões nas fronteiras da América espanhola: análise comparativa**. Estudos Ibero-Americanos, 2003. v. XXIX, n. 2, p. 51–78.

JAEGER, Luiz Gonzaga. **As primitivas reduções jesuíticas do Rio Grande do Sul (1626–1636)**. Santa Maria: Tipografia Regional, 1936. Separata de Terra Farroupilha, v. 1, cap. 3.

JAEGER, Luiz Gonzaga. **Índios rio-grandenses civilizados pelos antigos jesuítas**. ENCICLOPÉDIA RIO-GRANDENSE. Canoas: Regional, 1956.

KERN, Arno Alvarez. **Antecedentes Indígenas**. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1994.

KERN, Arno Alvarez. **Fronteira/fronteiras: conceito polissêmico, realidades complexas**. Revista História e Diversidade, 2016, 8.1: 10-19.

MAEDER, Ernesto J. A.; GUTIÉRREZ, Ramón G. **Atlas histórico del nordeste argentino**. Resistencia: Instituto de Investigaciones Geohistóricas, 1995.

MELIÀ, Bartomeu. **El Guaraní Conquistado y Reducido – Ensayos de Etnohistoria**. 4ª ed. Assuncion, Paraguai: Centro de Estudos Antropológicos, 1997.

MÉTRAUX, Alfred. **A religião dos tupinambás e suas relações com as demais tribos tupi-guaranis**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1950.

MONTEIRO, John Manuel. Os Guarani e a história do Brasil meridional: séculos XVI–XVII. In: CUNHA, Manuela Carneiro da (org.). História dos índios no Brasil. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 475-498.

MONTOYA, Antonio Ruiz de. **Conquista espiritual: hecha por los religiosos de la Compañía de Jesús en las provincias del Paraguay**, Paraná, Uruguay y Tape. Madrid: Francisco Martínez, 1639.

MONTOYA, Antônio Ruiz de. **Conquista espiritual feita pelos religiosos da Companhia de Jesus nas Províncias do Paraguai, Paraná, Uruguai e Tape**. 1ª Ed. Brasileira. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1985.

OLIVEIRA, José Roberto de. **A importância das missões para a humanidade**. [S.l.]: Grande Projeto Missões, 2023. Disponível em: <https://grandeprojetomissoes.com.br/wp-content/uploads/2023/01/A-importancia-das-Missoes-para-a-Humanidade-Jose-Roberto.pdf>. Acesso em: 20 maio 2025.

PEREIRA, Clara Martinez Falcão. **“Grandes hechiceros y mus de los Portugueses”: captura de indígenas na América Meridional (século XVII)**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

POMPEU, Filipi, **Atualizando o mapeamento das Reduções Jesuíticas do Tape (1622-1636)** in Anais do I Congresso Internacional de História da UFSM-CIHIS. Santa Maria: UFSM, CCSH, PPGH, 2016. p. 104-120.

PORTO, Afonso Aurelio. **História das Missões orientais do Uruguai**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943.

PREZIA, Benedito, HOORNAERT, Eduardo. **Brasil Indígena: 500 anos de resistência**. São Paulo: FTD, 2000.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

REBORATTI, C. E. **Fronteiras Agrárias em América Latina**. Barcelona: Cuardenos Críticos de Geografía Humana. 1990.

RIBEIRO, Pedro Augusto Mentz et al. A redução Jesuítica de Jesus-Maria, Candelária, Rio Grande do Sul–Nota Prévia. Revista do CEPA, v. 4, p. 1-60, 1976.

RIBEIRO, Pedro Augusto Mentz. **Arqueologia do Vale do Rio Pardo, RS, Brasil**. 1991. Tese (Doutorado em História do Brasil) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1991.

SANTOS, Cristina Razzera Dos. **Aspectos de la resistencia Guaraní: los proyectos de integración en el virreinato del Río de La Plata (1678-1805)**. 460f. Tese (Doutorado em Antropologia Americana) – Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 1993.

SCHALLENBERGER, Erneldo. **A integração do Prata no sistema colonial: colonialismo interno e missões jesuíticas do Guairá**. Toledo: Editora Toledo, 1997.

SILVA, André Luís Freitas da. **Reduções Jesuítico-Guarani: espaço de diversidade étnica**. Dourados (MS): PPGH/UFGD, 2011. Dissertação de Mestrado.

SILVA, Jeremyas Machado. **A fronteira platina: história e narrativa da Guerra da Tríplice Aliança na obra de Efraím Cardozo "Hace 100 años: Crónicas de la Guerra de 1864-1870"**. 2022. 208 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, RS, 2022.

SOARES, André Luis Ramos. **Guarani: organização social e arqueologia**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

SOUZA, Adelita Araújo de. **Lógica de organização territorial Guarani: concepções do modo de ser**. In: VIII Seminario Internacional de Investigación en Urbanismo, Barcelona-Balneário Camboriú, Junio 2016. Departament d'Urbanisme i Ordenació del Territori. Universitat Politècnica de Catalunya, 2015.

SPOSITO, Fernanda. **Os índios entre a Cruz e as Coroas. Reduções jesuíticas e projetos coloniais do Paraguai a São Paulo (século XVII)**. In ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Fortaleza, 2009.

TAUNAY, Afonso de Escagnolle. **História geral das bandeiras paulistas**, tomo terceiro (1641-1651). São Paulo: Typographia Ideal–HL Canton, 1927.

WESCHENFELDER, Wilson. Junior et al. **Avaliação dos passadores de fauna na RS-471, trecho Barros Cassal - Santa Cruz do Sul, Região de Vale do Sol/RS**. Santa Cruz do Sul: Universidade de Santa Cruz do Sul, Departamento de Biologia e

Farmácia, Curso de Pós-Graduação em Licenciamento Ambiental, Disciplina de Zoologia Ambiental, 2006. Trabalho de Campo.

WILDE, Guillermo. “**Religión y poder en las Misiones de Guaraníes**”. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: SB, 2016.

ZARTH, Paulo A. **Fronteira Sul: história e historiografia**. In: RADIN, José Carlos; VALENTINI, Delmir; ZARTH, Paulo A. (org.). História da fronteira sul. Chapecó: Ed. UFFS, 2016. p. 9–24.

## ANEXOS

A – Visão do Sítio Arqueológico da Redução Jesus-Maria, em relação ao Rio Pardo, à cidade de Candelária e ao morro do Botucaraí



Fonte: Google Earth

B – Região onde estava localizada a Redução de São Cristovão



Fonte: Google Earth